

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA
Múltiplas interconexões semiológicas

INSTÂNCIAS DO SENTIDO:
O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA
– MÚLTIPLAS INTERCONEXÕES SEMIOLÓGICAS

Marcelo Moraes Caetano (PUC-Rio)
mmcaetano@hotmail.com

Name ist Rauch und Schall. (GOETHE, 1790)¹

– *Deve um nome significar alguma coisa?* perguntou, com muitas dúvidas, Alice. – Claro que sim – respondeu Humpty Dumpty – *O meu nome significa a forma que tenho [...]*(CARROLL, 1980)²

19. BIG JUNGLE WOOD BUG (p. 1, linhas 10/11). Deve ser só **BIG JUNGLE BUG**. (E fica até formalmente muito melhor, curto, forte, golpeadamente aliterado.) (VERLANGIERI, 1993)³

¹ [Nome é fumaça e som – traduzimos] *Fausto* (GOETHE, 1790)

² *Aventuras de Alice no país das maravilhas* (CARROLL, 1980)

³ Carta de Guimarães Rosa a Harriet de Onís (VERLANGIERI, 1993)

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA
Múltiplas interconexões semiológicas

1. *Introduzindo o assunto: nomes fundamentais das teorias clássicas do significado e suas repercussões na gramática e no dicionário*⁴

1.1. Da semântica e da língua como elemento de comunicação unívoca: Aristóteles e Saussure

Antes de tudo, cumpre ressaltar que os dois veículos básicos de comunicação humana com que se preocupa esta monografia – o dicionário e a gramática – enfatizam, num primeiro nível de análise, a chamada “língua normativa” de um povo, que seria capaz de dar forma a seu pensamento e de transmiti-lo, sem desvios, “erros” ou “inadequações” de contexto/situação, a seu interlocutor. Assim evoca, para tais veículos, a chamada teoria representacionista da língua, que será, em primeiro lugar, analisada, indo-se, em seguida, à gradativa mudança desse paradigma, que ocorreu com os estudos sobre *Estilística* (que serão analisados à frente, nesta monografia), até o salto revolucionário que foi dado por Wittgenstein (esboçado anteriormente por outros pensadores), em que a língua, como forma de vida, teve de refazer a epilinguagem e a metalinguagem dos dicionários e das gramáticas a fim de que estes pudessem abarcar a questão do uso.

A importância dos estudos literários e estilísticos na percepção da pluralidade de significações, estampadas na gramática e no dicionário, compêndios da língua escrita que o são, vem em palavras de pensadores importantes como Auroux e Barthes, abaixo transcritos:

Consideremos, pois, a escrita. Como nasce a partir daí uma tradição de saber linguístico? Entre os babilônios, os egípcios, os gregos e os chi-

⁴ Este trabalho procurará observar as teorias clássicas da semântica e do sentido em comparação às que contemplam o sujeito e a linguagem como forma de vida. Para fazer essa comparação, ele se valerá da gramática e do dicionário, os dois principais instrumentos de norma dentro de um idioma, demonstrando brevemente a história desses dois compêndios, assim como apontando para uma necessária inserção da visão de língua como práxis em suas concepções. No entanto, não se trata de um trabalho didático, instrutivo, propedêutico, que vá “ensinar” a como se fazer a inserção aludida; em vez disso, comparando-se as teorias “clássica representacionista” e “wittgensteiniana” (além de outros pensadores que criaram filosofias da língua como forma de vida), procurar-se-á fazer um trabalho de cunho eminentemente descritivo, expositivo, crítico e dialético.

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA

Múltiplas interconexões semiológicas

neses parece ter se realizado um processo análogo. A escrita produz textos, em especial textos literários. Mesmo que seja evidente que *toda escrita supõe normas, notadamente estilísticas*, ela não parece produzir espontaneamente uma reflexão sobre a natureza da linguagem, até mesmo um saber codificado dos processos de linguagem a partir de suas técnicas próprias. (AUROUX, s/d, grifamos)

Bem antes de Flaubert, o escritor sentiu – e exprimiu – o *duro trabalho do estilo*, a fadiga das correções incessantes, a triste necessidade de horários desmedidos para um rendimento ínfimo. (BARTHES, 2004, grifamos)

E em nota de pé de página, Barthes acrescenta:

Em alguns exemplos, tirados do livro de Antoine Albalat, *Le travail du style, enseigné par les corrections manuscrites des grands écrivains* [O trabalho do estilo, ensinado pelas correções manuscritas dos grandes escritores] (Paris, 1903): Pascal redigiu 13 vezes a XVIIª provincial; Rousseau trabalhou o *Émile* [Emílio] durante 3 anos; Buffon trabalhava mais de 10 horas por dia; Chateaubriand podia passar de 12 a 15 horas a rasurar etc. (BARTHES, *Idem, ibidem*)

Esse caminho – o de se passar da técnica de listagens e nomeações, através do acréscimo que a escrita despertou em relação à preocupação com o estilo, até o salto de Wittgenstein sobre o idioma e a linguagem – será seguido para que se tente fazer compreender que a feitura dos dois principais repositórios da língua-padrão (ou *norma*⁵) acima aludidos (o dicionário e a gramática, repita-se) devem levar em consideração não apenas a denominada “teoria clássica da significação”, que será explicitada, mas, também, epistemologias que apontem que a língua possui outras características além de ser um conjunto de engrenagens sistêmicas superiores ao indivíduo em todas as esferas, uma vez que o indivíduo também atua sobre a língua (sin-

⁵ O dicionário e a gramática são, basicamente, os dois livros que, numa dada língua, compreendem a sua Norma Padrão, como se disse. Este trabalho pretende demonstrar a necessidade de inserir-se, nesses dois compêndios normativos, a ideia revolucionária de Wittgenstein, mas, para isso, passará, antes, pela noção prévia que fora estabelecida, já nos estudos estilísticos de *desvio* em relação à *norma*. Esse fator apontou para a questão de que o *significado* está nos USOS que se fazem da língua, e não são estáticos, como queriam os primeiros teóricos da linguagem sobre a “língua comum”. Daí a importância de se falar em “Estilística”, antes da revolução mais radical de Wittgenstein, no que se refere a *significado* relacionado a *uso*.

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA **Múltiplas interconexões semiológicas**

crônica e diacronicamente) e, ademais, a língua não é usada apenas como veículo de comunicação unívoca:

Once, in a blue moon a man comes along who grasps the relationship between events which hitherto seemed quite separate, and gives mankind a new dimension of knowledge. Einstein, demonstrating the relativity of space and time, was such a man. In another field, and on a less cosmic level, Benjamin Lee Whorf was one, to rank some day perhaps with such great social scientists as Franz Boas and William James. He grasped the relationship between human language and human thinking, how language indeed can shape our innermost thoughts. (CARROLL, 1998)

Desse modo, já se percebe que a noção de “língua comum”, ou *langue*, para Saussure, como “forma de norma da linguagem”, ou como “um princípio de classificação”, ou como “algo adquirido e convencional, que deveria subordinar-se ao instinto natural em vez de adiantar-se a ele”, ou, por fim, “ao mesmo tempo um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 1980, p. 15-17) (em outras palavras, repita-se, “uma língua comum”), já sofre abalos intrínsecos ao se falar, por exemplo, na intenção literária, ou mesmo numa prosaica capacidade da língua de “dar forma” (cf. CARROLL, acima) a pensamentos, ainda que estes não sejam necessariamente comunicados, ou, nas palavras do mestre genebrino, não estejam no “exercício dessa faculdade [de comunicação de ideias e pensamentos]”.

O primeiro a tratar da questão da “língua comum” foi Aristóteles, considerado, pois, o primeiro semanticista do ocidente, timbrando à semântica uma noção que perpassa os séculos com inequívoco vigor. Em seu tratado *De interpretatione*, afirma:

Toda e qualquer frase comporta um significado [...]. Mas, por outro lado, nem toda frase é declarativa, mas apenas aquela em que se ocorre pretender dizer o verdadeiro e o falso; e isso não ocorre em toda e qualquer frase; por exemplo, a prece é uma frase, mas não é verdadeira nem falsa. Assim, portanto, sejam deixadas de lado todas as outras frases – pois sua inspeção é mais apropriada à retórica e à poética – por sua vez, a frase declarativa pertence ao presente estudo. (ARISTÓTELES, 16a3)

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA **Múltiplas interconexões semiológicas**

O que se percebe de análogo nas duas primogenituras acima apontadas (a de Aristóteles e a de Saussure) é o fato de que ambos procuraram isolar os estudos linguísticos e/ou semânticos a um corpo limitado da língua⁶, que não pretendesse utilizá-la, por exemplo, como objeto artístico ou metalinguístico, ou, nas palavras de Julia Kristeva “fazer da língua um trabalho – *poiein* –, laborar sobre a materialidade do que, para a sociedade, é um meio de contato e de compreensão [...]” (KRISTEVA, 1974). A autora complementa: “[Isso] não é distanciar-se, de saída, da língua?” (*Idem, ibidem*) Kristeva, assim como os pós-estruturalistas em geral, não achava que “laborar sobre a língua” estivesse adstrito tão somente ao campo da língua literária, mas da língua falando de si mesma, ou seja, da metalíngua. Por essa razão, tais autores, além de outros agregados a outras epistemes – de que se falará à frente –, como Barthes, Deleuze, Benveniste, Austin, Searle, Wittgenstein, foram fundamentais para a observação de novas perspectivas linguísticas na manufatura de gramáticas e de dicionários.

Ao que parece, portanto, voltando-se à visão primogênita de Aristóteles, mas, principalmente, à ruptura epistemológica merecidamente reconhecida de Saussure, ela está explicitada no seguinte trecho, que aponta como Saussure deu novos rumos à epistemologia linguística:

Esse modo de fazer Linguística [a filologia ou o historicismo dos neogramáticos, em voga até o fim do século XIX], comparando as línguas na busca de semelhanças e verificando a história de cada uma delas à procura de origens comuns, foi o método dominante da Linguística do século XIX, o chamado método histórico-comparativo. (PIETROFORTE, 2002, p. 77)

As preocupações, tanto do mestre estagirita quando do genebrino, eram traçar o limite em que uma língua “comum” pudesse (e

⁶ No caso de Saussure, a própria língua, excluindo-se, ainda, além da fala ou discurso, a diacronia, pois o mestre de Genebra considerava que estudar fatores históricos, além de não científico (pois esse era o método exclusivo de estudos linguísticos até então, o dos neogramáticos, daí a importância da ruptura de Saussure), fortuitos, atomísticos, eram, sobretudo, demasiado metafísicos, ou, parafaseando o autor do *Cours*, algures, seria como tentar “abraçar um fantasma”.

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA **Múltiplas interconexões semiológicas**

devesse) ser perquirida, lógica e/ou cientificamente, e no presente, uma vez que os demais usos e momentos da língua, para eles, ou estavam fora da ciência linguística (no caso de Saussure), ou interessavam a outros campos de investigação (no caso de Aristóteles), como à filologia, à literatura, à poética, à retórica, à etimologia. Não foi à toa, diga-se em tempo, que um dos principais fundadores da chamada “Estilística” (basicamente, o estudo que se ocupa dos traços de desvio com fito artístico na “língua comum”) tenha sido exatamente um dos alunos de Saussure que compilou o *Curso de Linguística Geral*: Charles Bally, fundador da chamada “Escola de Genebra”, seguido de perto por Jakobson, Meyer-Lübke e Leo Spitzer, como se verá à frente.

Portanto, antes de este trabalho ingressar no campo e nas instâncias significativas da gramática e do dicionário, vale a pena uma primeira incursão, bastante breve, sobre o que os principais semantistas ocupados do *Estilo* propugnaram em relação a tal possibilidade de uso da língua em face do apanágio comum que lhe foi chancelado por Aristóteles e Saussure.⁷ Isso porque, como se verá, as questões filosóficas, diacrônicas e mesmo etimológicas que envolviam o estudo da língua enquanto desvio artístico foram extremamente importantes (e já desde Aristóteles houve um ponto germinal para isso, diga-se em tempo) para que se percebessem outras perspectivas, outros panos de fundo em frente aos quais a língua se mostrava. Os estilólogos, então, foram os precursores, pode-se dizer, da visão da língua e da linguagem em geral como *forma de vida*, e não como veículo de transmissão unívoca e, para tanto, “coercitiva”, de um “fato social”, para usar as palavras de um dos sociólogos que influenciaram o pensamento de Saussure – Émile Durkheim.

Ainda se voltará, neste trabalho, a outros autores que discutiram a presumível importância primacial da língua como objeto de comunicação atrelado a uma norma rígida (ou a um método de nomeação), e, em seguida, far-se-á o cotejo dessa visão de língua, so-

⁷ Não se pretende afirmar que Aristóteles e Saussure foram os únicos a apontar a existência e mesmo preeminência de uma língua comum. Apenas foram eles aqui estudados por representarem, com incisividade suficiente, a contrapartida que se lhes quer opor dialeticamente.

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA
Múltiplas interconexões semiológicas

bretudo na manufatura de dicionários e gramáticas, com a visão wittgensteiniana de língua como práxis, ou, como foi dito, língua como forma de vida: “§ 19 [...] E imaginar uma língua é imaginar uma forma de vida [...] § 432: Todo signo sozinho parece morto. O que lhe dá vida? No uso ele vive. Tem então a viva respiração em si? Ou o uso é sua respiração?” (WITTGENSTEIN, 1999).

**1.2. Da gramática e do dicionário como compêndios filosóficos, normativos ou expositivos idealistas do idioma:
Varrão, Dionísio da Trácia, Arnauld, Lancelot, Johnson e Bloomfield**

O próprio Wittgenstein, tanto no *Tractatus Logico-Philosophicus* como em alguns trechos das *Investigações*, aponta que a idealização, em qualquer campo do pensamento humano, acaba sendo-lhe intrínseco, e é mais difícil fugir dela, para a visão de pensamento ou linguagem como forma de vida, do que se pode supor.

§ 103. O ideal está definitivamente instalado em nossos pensamentos. Você não pode se afastar dele. Deve voltar sempre a ele. Não há nenhum lá fora. Lá fora falta o ar. – De onde vem isso? A ideia é como óculos assentados sobre o nariz e o que vemos vemos através deles. Nem nos ocorre tirá-los. (WITTGENSTEIN, 1999)

Assim, deve-se mencionar, antes da incursão na Estilística, e, portanto, antes da inserção dos resultados das pesquisas daí provenientes no dicionário e na gramática, também, a importância da teoria gramatical baseada na lógica clássica ou idealista, ocorrida no século XVII, levada a termo por Arnauld e Lancelot (1969), na obra *Logique ou art de penser*, mais conhecida como *Logique ou Grammaire de Port-Royal*. Os autores dessa gramática raciocinavam no sentido de que uma gramática exprime, em última instância, relações lógicas entre sons e significados, o que fez com que eles pudessem, pelo perspectivismo da lógica evocada, separar as palavras em classes de acordo com operações mentais e aspectos cognitivos a que tais palavras pertenceriam: nomes, verbos, conjunções (as três classes com que os gramáticos de Port-Royal mais se preocuparam).

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA **Múltiplas interconexões semiológicas**

Como se percebe, a gramática em questão arrolou, num mesmo princípio de lógica, vocábulos de cunho nocional⁸ (nomes e alguns verbos, excetuando-se os de ligação) e outros de cunho instrumental (a conjunção, usada para encadear noções extralinguísticas). Em resumo, para a lógica de Port-Royal, a frase ou o enunciado são encarados “como o veículo das três operações do pensamento: conceber ideias, formular juízos e encadear raciocínios” (GERALDI & ILARI, 1987)

Deve-se mencionar, por seu turno, como precursor das modernas faturas de dicionário, o nome de Samuel Johnson, que escreveu, em 1755, a obra cujo prolixo título foi: “Um dicionário da língua inglesa no qual as *palavras* são deduzidas dos seus *originais* e *ilustradas* em suas *diferentes significações* por *exemplos* dos melhores *escritores*.” (MACADAM & MILNE, 1963)

Um lexicógrafo do jaez de Noah Webster afirmou que a contribuição de Johnson para a lexicografia foi similar à de Newton à matemática e à física. No Brasil, lexicógrafos como Laudelino Freyre, Aulete, Buarque de Holanda e Houaiss mencionavam, também, frequentemente, o trabalho primacial de Johnson.

É fato que os dicionários, em versões seminais, já existiam ora como glossários, ora como vocabulários ortográficos (semelhantes ao *VOLP*), ora como listas de palavras, desde a antiguidade, como na China, Arábia e Grécia. Já quando Shakespeare começou a escrever, por exemplo, em 1604, havia o dicionário de Robert Cawdrey, chamado de *A table Alphabetical*, com cerca de 2500 verbetes, que muito provavelmente foi utilizado pelo dramaturgo britânico em seu *Folio I*. (cf. SEYMOUR-SMITH, 2004)

A grande opulência e o imenso fôlego da obra de Johnson, entretanto, se dá pelo fato de que ele, a um só tempo, queria registrar a ocorrência dos significados das palavras registradas nos melhores escritores, o que forneceu o clássico e até hoje reconhecido elo entre o dicionário e a gramática, mas não deixou de lado expressões da lín-

⁸ A distinção entre nocional e instrumental, dicionarístico e gramatical, lexical e categorial, do inventário aberto ou fechado, enfim, será mostrada abaixo, neste trabalho.

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA **Múltiplas interconexões semiológicas**

gua falada e até vulgarismos, plebeísmos, tabuísmos (os “palavrões”) e palavras de baixo calão (embora dissesse que as considerava “inadequadas”, como será mostrado em breve), indo, sempre que necessário, ao conhecimento da língua falada que o cercava.

Assim, por exemplo, para designar o verbo *to infer* (inferir), Johnson foi a uma citação de Locke: “Inferir não é nada mais do que tirar de uma proposição tida como verdadeira uma outra igualmente verdadeira” (SEYMOUR-SMITH, *op. cit.* p. 390). Para *to imply* (implicar), Johnson cita o poeta Dryden, mostrando como a palavra pode sugerir algo sem declará-lo explicitamente. Já *para to cough* (tossir), Johnson não recorreu a escritores, mas apenas à sensibilidade da língua do senso comum, embora de modo bastante subjetivo: “Uma convulsão dos pulmões estremecida por uma aguda serosidade. Pronuncia-se *coff*” (*apud* SEYMOUR-SMITH, p. 392).

Como se verá à frente, na contemporânea acepção epilinguística e metalinguística da manufatura de dicionários, Johnson foi apenas um primeiro (e fundamental) passo, mas com o que, hoje, considera-se equívoco, pois, por exemplo, ao definir “tossir”, que é um *verbo*, com um *substantivo* (“Uma *convulsão* dos pulmões...”), ele criou um embaraço dicionarístico, se assim se pode dizer, ao que viria a ser um dicionário feito segundo a perspectiva dos “jogos de linguagem” wittgensteinianos.

Em todo caso, sua obra deu pilares sólidos que atravessaram o tempo e as barreiras geográficas, timbrando uma importante tecnologia na escrita de dicionários.

Como espécie de curiosidade sobre seu mister, são célebres as palavras de Johnson acerca do ofício do dicionarista, aqui trazidas à luz sob a pena de MacAdam e Milne, que traduzimos:

É a sina daqueles que lidam com as labutas inferiores da vida se deixar guiar pelo receio do mal, em vez de se permitir a atração pela perspectiva do bem [...] Entre esses infelizes mortais está o dicionarista, que os humanos consideram não o aluno, mas o escravo da ciência, condenado tão somente a remover o lixo, a livrar dos obstáculos o caminho do estudo e da genialidade.

Condenado a seguir em frente sem conquistar glória, sem receber um sorriso na humilde faina que facilita o seu progresso. Qualquer outro autor pode aspirar aos louvores; o dicionarista pode apenas ter esperan-

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA

Múltiplas interconexões semiológicas

ças de fugir e esquivar-se das reprimendas e censuras, e ainda tal recompensa negativa tem sido concedida apenas a uns poucos.

Apesar desse desestímulo, tentei escrever um dicionário da língua inglesa, enquanto a palavra se empregava no cultivo de todo tipo de literatura, para migrar às negligências espalhadas pelo acaso até a selvagem exuberância, a tirania resignada do tempo e dos modismos, e exposta às corrupções da ignorância e aos caprichos da novidade [...] (MACADAM & MILNE, *op. cit.*, p. 121, a tradução é nossa)

Johnson, embora em seu prefácio tenha sugerido ser contra a linguagem que ele chamava de “vulgar”, “corrupta”, “ignorante” (a “linguagem comum” era expressão que ele guardava para os usuários “conscientes” da língua, a saber, os escritores), sua crítica serviu, até os dias de hoje, como norte sobre a questão da *norma versus desvio*, em todas as suas esferas. Pode-se afirmar, sem receios de maiores equívocos, que a contemporânea fatura de dicionários deve sua pedra fundamental à obra de Samuel Johnson, que buscou, num método científico, empírico, até ontológico (no sentido heideggeriano), e já completamente metalinguístico, a listagem de dicções, baseada no que os filósofos da linguagem, desde a noite dos tempos, observaram correr paralelamente com a língua comum, referencial, representativa, denotativa: a língua literária, os desvios, as figuras, a conotação.

Muito antes desses nomes lapidares na confecção de gramática e de dicionário, outros filósofos já esboçavam os liames e as rupturas epistemológicas entre os dois compêndios citados. Quando Varrão, por exemplo, opôs a *derivatio naturalis* (correspondente à flexão) à *derivatio voluntaria* (correspondente à derivação), já estava dado um importante passo rumo à discussão de que a flexão pertence a um modo instrumental da língua (plano da gramática), enquanto a derivação vai (quase sempre) formar novos vocábulos (pertencendo, antes do mais, ao plano do dicionário). Sabe-se que, também com Dionísio da Trácia, tais noções foram discutidas sob os conceitos de *ptosis* (Πτώσις), ou *caso*, e *êidos* (ἦιδος), ou *tipo*, respectivamente a *flexão* e a *derivação*.

O fato é que, basicamente, cabe à gramática a preeminência do *inventário fechado* do idioma. Indo-se além, em relação àquelas palavras pertencentes tão só a tal inventário (fechado) e cuja função, assim, não ultrapasse a de promover relação entre os vocábulos, não serão vistas, de fato, como possuidoras de um morfema lexical (um

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA **Múltiplas interconexões semiológicas**

radical), mas, sim, como oriundas de um morfema dependente (ou preso, como os afixos), embora possam ser concebidas como *vocábulos* (1. porque são encontradas no texto, 2. porque precisam, não raro, de morfemas atualizadores e 3. porque podem possuir, junto a elas, outros morfemas gramaticais, derivacionais – o que é menos comum⁹ – ou flexionais). Serão vistas, ainda, como portadoras de seus respectivos verbetes do dicionário, que, *grosso modo*, se preocupa, embora, com o *inventário aberto ou lexical* da língua. Em outros termos, os morfemas dependentes e até presos (gramaticais, instrumentais, do inventário fechado) possuem seus *lexemas*¹⁰ correspondentes (porque podem ser encontrados num dicionário), independentemente de este lexema possuir uma carga nocional ou meramente categorial (instrumental) maior ou menor.

Sobre a distinção entre vocábulos e lexemas (estes últimos sinônimos de *entrada* ou *verbeta* dicionarístico), e ainda de como essa distinção se dá com a expressão “palavra”, e que tudo isso é independente da noção de forma livre e forma dependente ou presa, um exemplo poderá elucidar as questões.

Observe-se a seguinte frase:

⁹ Não possuir radical não significa não ser vocábulo, tampouco não ser lexema ou dicção. Por exemplo, o prefixo *super-*, que é uma forma presa, como todo afixo, deu o verbo “superar”, vocábulo forma livre, formado por derivação sufixal, tendo como radical, repita-se, uma forma presa na língua portuguesa atual, ou seja, segundo uma perspectiva saussuriana de linguística, a saber, a sincrônica, o Estado de uma língua. Em outros termos, não se recorreu ao latim para se fazer tal análise de formação de nova entidade léxica. O sufixo *-ismo*, por seu turno, outra forma presa, deu o substantivo “ismo”, sinônimo de “escola”, “radicalidade”, “fanatismo”: e.g. “Estamos numa era de ismos”.

¹⁰ Como se verá, “lexema” é o termo sinônimo, na lexicografia, para “verbeta” ou “entrada léxica”, e, como se quer demonstrar aqui, assim como a gramática lida *também* com questões atinentes antes à lexicografia (como a derivação), o dicionário lida, por seu turno, *também* com noções, antes do mais, pertinentes à gramaticografia (como a entrada de vocábulos instrumentais ou gramaticais, como preposições, conjunções, artigos, pronomes). Wittgenstein dizia, como se verá, a esse respeito, que a Gramática contém a essência, ou seja, ela norteia a língua, e até o dicionário.

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA
Múltiplas interconexões semiológicas

A flor que cheirávamos no vaso era igual às flores que cheiraríamos na paisagem.

Pode-se desmembrá-la sob, basicamente, três pontos de vista distintos: 1) um que diga respeito às formas textuais atualizadas no enunciado estritamente (*palavras*); 2) outro, aos *vocábulos*; 3) outro, aos *lexemas*.

No primeiro deles, será facilmente depreensível a existência de 14 palavras: *A, flor, que, cheirávamos, no, vaso, era, igual, às, flores, que, cheiraríamos, na, paisagem.*

No segundo, contudo, em *no, às e na*, há, em cada uma dessas palavras, dois vocábulos, o que daria 17 vocábulos na frase em questão (se se considerar a crase como duas palavras e as fusões “no” e “na” igualmente).

Para a questão dos lexemas, ou do dicionário, os vocábulos (ou palavras) *flor e flores* são apenas um lexema (um verbete: *flor*), assim como também o serão *cheirávamos e cheiraríamos (cheirar)*, já o caso de *no e na* remete a dois lexemas diversos em cada caso (EM-preposição; O-artigo) (EM-preposição; A-artigo), e, em relação à crase, o dicionário exporia a questão da homonímia artigo/preposição num único lexema: (A-artigo/preposição), havendo, pois, 10 lexemas (A-artigo, preposição-, FLOR, QUE, CHEIRAR, EM, O, VASO, SER, IGUAL, PAISAGEM).

Isso ilustra empiricamente, mas não onticamente, é claro, as partes hachuradas entre a gramática e o dicionário no enunciado.

A questão semântica sobre os vocábulos *instrumentais* (que, em primeira instância, pertenceriam ao inventário fechado e ao plano da gramática), diga-se em tempo, não é pacífica, como ficou esboçado. Alguns exemplos ilustrarão o fato.

Em relação ao *artigo*, para dar-se outro exemplo, que, em tese, é também um vocábulo instrumental, sabe-se que ele é, muitas vezes, elemento de distinção *semântica* de um dado enunciado, pois que teve, como elemento de partida, um pronome demonstrativo “semanticamente esvaziado”, como querem alguns. Será quer real-

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA
Múltiplas interconexões semiológicas

mente a noção semântica foi totalmente esvaziada na passagem histórica do pronome demonstrativo > artigo? Bloomfield (2005) chega a considerar os artigos formas *livres* (vocábulos nocionais, e não dependentes) exatamente por reconhecer neles a proveniência dos pronomes, assim os lendo (p. 110):

this thing: that thing: the thing

this : that : (the)

Pode-se, de fato, ainda, em frases de situação, ou naquilo que a Sociolinguística Interacional chamaria de “frame” ou “script”, “conhecimento compartilhado”, apreender-se toda uma carga de sentidos expressa (ou antecipada) tão só, por exemplo, pela enunciação de uma *preposição*. É o caso de:

(A) – Você gosta de...

(B) – De?

Nesse fragmento de diálogo oral (por isso ter-se falado em situação, não em contexto), o “De” do falante B tem o sentido total: “Afinal, você quer saber se eu gosto de quê?”. É um Ato de fala que propõe o interlocutor a uma ação performativa específica: completar o pensamento.

Aliás, a citada preposição passa a ter, juntamente com a provável significação nocional (extralinguística) que se lhe quer atribuir, uma tonicidade (plano prosódico, fonêmico da língua, portanto, retornando-se ao aparato gramatical e discursivo a um só tempo) que não possuía quando era tão só instrumento gramatical conector ou transmutador de classes gramaticais¹¹ (as duas funções primaciais da preposição segundo a gramaticologia).

É também a diferença semântica (fonemicamente reiterada) que parece haver entre:

¹¹ Por exemplo, em “de noite” ou “à noite”, as preposições serviram apenas para transformar o substantivo “noite” num advérbio (de tempo). Isso é transmutar classes, não através da derivação imprópria, ou hipóstase, ou conversão, mas através de uma presença mórfica: a preposição, no caso, repita-se.

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA
Múltiplas interconexões semiológicas

(A) – Por *que* você veio?

(B) – Você veio por *quê*?

Onde a tonicidade do “*quê*” faz sentir mais fortemente uma necessidade imediata de ser ele “preenchido” semanticamente, com um adjunto adverbial de causa, geralmente.

Stephen Ullman (2000, p. 100), faz ponderação elucidativa:

Outros elementos tais como *considering* e *notwithstanding* usados como preposições (“*considering his age*” = “considerando...”, “*notwithstanding his resistance*” = “apesar de...”), parecem residir na linha de demarcação: no que diz respeito à sua função, são palavras-formas [conceito similar ao de vocábulo instrumental, gramatical ou categorial], embora, graças ao seu parentesco com os verbos *consider* e *withstand*, conservem algo da autonomia semântica das palavras plenas.

Ou seja, a questão do significado, cada vez mais, parece estabelecer-se à de comunicação, contexto, forma de vida, pluralidade, polifonia, como diria Kristeva, ou dialogismo, como diria Bahktin. Mesmo vocábulos de cunho eminentemente gramatical são atualizados em significados nocionais quando se deparam com a vida. Ademais, é importante perceber a complementaridade dessas flutuações de significação, que levam dicionário e gramática, frequentemente, a promover um concurso de seus fatos e estudos.

Benveniste, ao tratar da natureza dos *pronomes*, aponta tal flutuação, já que, em tese, os pronomes pertenceriam ao inventário fechado da língua (plano da gramática), mas se atualizam no texto, no contexto, no discurso, na situação, com noções pertinentes ao inventário aberto (plano do dicionário), devendo ser tratados, portanto, por ambos os compêndios, ultrapassando-os, também, no que se refere às possibilidades de sentidos, por pertencerem, ademais, nas palavras do próprio Benveniste a “instâncias do discurso”:

É como fato de linguagem que o apresentaremos aqui, para mostrar que os pronomes não constituem uma classe unitária, mas espécies diferentes segundo o modo de linguagem do qual são os signos. Uns pertencem à sintaxe da língua, outros pertencem daquilo a que chamaremos as “instâncias do discurso”, isto é, os atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada por um locutor (BENVENISTE, 1998a)

Adiante, vê-se que Benveniste adota não apenas a alteridade da linguagem, mas também a subjetividade desta, como formas ne-

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA **Múltiplas interconexões semiológicas**

cessárias de análise das entidades sígnicas presentes. Essa sua visão será explicitada após a comparação com a concepção de Wittgenstein sobre linguagem (3.2, infra).

É fundamental, ainda, citar mais uma vez o trabalho de Leonard Bloomfield, que, com seus postulados (BLOOMFIELD, 2005), explicitou a questão das formas mínimas (e cada vez mais redutíveis, até um limite finito) do ponto de vista significativo quando em contraste com o todo sistêmico da língua, que fora inicialmente, na modernidade ocidental, trazida à luz por Saussure, como foi visto. Esse método, usando princípios de axioma (do grego *ἀξίωμα*, “não testável”), tem como base o seguinte:

[...] o método postulacional pode ajudar a desenvolver o estudo da linguagem, porque ele nos força a expor explicitamente tudo o que tomamos por estabelecido, a definir nossos termos, e a decidir que coisas podem existir independentemente e que coisas são interdependentes. Certos erros podem ser evitados ou corrigidos pelo exame e pela formulação de nossas (no momento, tácitas) premissas e pela definição de nossos termos (frequentemente não definidos). (DASCAL, 1978)

Desse modo, ao formular, por postulados e definições, as ideias propostas anteriormente, Bloomfield trata, basicamente de: III) Morfema, palavra e frase; V) Fonemas; VI) Construção, categorias, partes do discurso; VII) Alternância; VIII) Linguística Histórica.

É bastante ilustrativo o modo como Bloomfield define a sua subseção III) *morfema, palavra e frase*:

8. DEFINIÇÃO. Um X mínimo é um X que não consiste inteiramente de Xs menores. [...] 9. DEFINIÇÃO. Uma forma mínima é um MORFEMA; seu significado é um SEMEMA [...] 10. DEFINIÇÃO. Uma forma que pode ser enunciada é LIVRE. Uma forma que não é livre é PRESA. Assim, livro, o homem são formas livres; -ndo (como em escrevendo), -or (como em escritor) são formas presas. 11. DEFINIÇÃO: Uma forma livre mínima é uma PALAVRA. 12. DEFINIÇÃO. Uma forma livre não mínima é uma FRASE. [...] 13. DEFINIÇÃO: Uma forma presa que é parte de uma palavra é um FORMATIVO. Um formativo pode ser complexo, como as terminações verbais do latim -abat, -abant, -abit, -abunt etc., ou mínimo (portanto um morfema), como o -t latino da terceira pessoa. 14. DEFINIÇÃO: As formas de uma língua são finitas em número. (BLOOMFIELD, *apud* DASCAL, 2008)

Bloomfield foi um importante behaviorista, ou seja, que via a linguagem como um conjunto de respostas à interação social e seus

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA **Múltiplas interconexões semiológicas**

estímulos externos. Nesse ponto, ele influenciou Noam Chomsky (1957), que pretende responder (e até certo ponto rejeitar) esse modelo de linguagem. Para Chomsky, um indivíduo sempre age criativamente no *uso* da linguagem, ou seja, a todo momento, o ser humano está construindo frases inéditas e novas, infinitas, jamais ditas antes por outro indivíduo.

Essa disposição inata para a criação infinita de enunciados foi chamada, na teoria de Chomsky, de Faculdade da linguagem, que ia de encontro às técnicas racionalistas e empiricistas, por exemplo, de Bloomfield e Skinner. (KENEDY, 2008)

No entanto, a importância de Bloomfield e seus postulados, ou método postulacional, é inegável, repita-se, para a confecção das modernas gramáticas normativas.

É importante frisar, no entanto, que, ainda hoje, muitos filósofos da linguagem apelam para a referenciação unívoca palavra-pensamento como apanágio de eficácia na comunicação. Um exemplo dos mais loquazes é o de Grice, que, com suas máximas, pretende que o sucesso na comunicação se dê exatamente segundo um ponto de vista lógico-racional baseado, como é consabido, em suas quatro máximas (GRICE, 1989):

QUANTIDADE: seja tão informativo quanto for necessário e requerido, nem mais, nem menos.

QUALIDADE: seja verdadeiro em sua informação (nem diga algo que não possa comprovar, nem algo que não acredite ser verdade)

RELAÇÃO: seja relevante, apresente informações importantes ao texto e ao contexto, saiba a hora e a vez (quando e como) de mudar o assunto.

MODO: seja claro, objetivo, evite ambiguidades, prolixidade, obscurantismo, seja organizado e ordenado.

Em outras palavras, a perspectiva lógico-racional, ou representacionista, ou “clássica” de referenciação da linguagem não desapareceu com o advento de estudos como, por exemplo, o de L. Wittgenstein. O que ocorre é a convivência em muitos casos, de perspec-

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA
Múltiplas interconexões semiológicas

tivas múltiplas no que tange ao assunto, conforme se explicitará abaixo.

Vale aqui, por fim, citar uma voz proveniente do estudo científico do sujeito, do Eu, do Ego, do Self. Quando Deleuze escreveu *O Anti-Édipo*, após leitura exaustiva e crítica da obra de Nietzsche como fomentadora do que ele considerava um unitarismo fascista pelo poder, imbricado na obra de Freud, trouxe à luz a ideia de que seria necessário inverter o platonismo, toda forma de platonismo ou idealismo, inclusive no que tange à *unidade* de significado (para ele, o *um* era sempre fascista, e, pior, morava dentro de cada pessoa desavisada). Assim, acusando o simulacro das ideias, significados e repetições ideais, propugnou, como salienta Elisabeth Roudinesco (2005), por “um caos dionisíaco, feito de dor, alegria e desordem, o caos festivo, intempestivo”.

Não é nos grandes bosques nem nos atalhos que a filosofia se elabora, mas nas cidades e nas ruas, inclusive no que há de mais *artificial* nelas. (DELEUZE, 2002, traduzimos)

Desse modo, continua Roudinesco sobre *O Anti-Édipo*,

Com esse gesto, tentava ligar uma ontologia da multiplicidade e uma política do acontecimento, e era a Heráclito que se referia para mostrar que nada se repete identicamente – nunca se entra duas vezes num mesmo rio – e que todos os fenômenos são sempre múltiplos como fluxos completamente irredutíveis a uma unidade. (RODINESCO, *Idem, ibidem*, p. 207)

Portanto, tentar reduzir o homem a unidades, quaisquer que fossem, sobretudo do pensamento e da comunicação, significaria reduzir o “animal humano”, como Deleuze gostava de falar, à execrável unidade proveniente de um simulacro platônico. Embora considerasse o pensamento de Wittgenstein também excessivamente “civilizado” (como a loucura sob as rédeas de Desidério Erasmo de Rotterdam), a pena e a voz de Deleuze serviram para ampliar o papel do sujeito, sobretudo das minorias (ou “sujeitos secundários”, na expressão de Sartre sobre homossexuais, judeus, negros e mulheres [SARTRE, 1943]) num sentido mesmo hugoliano, como intrinsecamente ligado à vida de todas as instituições sociais, a começar pelo idioma. Deleuze, embora niilista, para alguns, prenunciava a chegada de um mundo sem alma, se os sujeitos se sujeitassem ao que ele

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA
Múltiplas interconexões semiológicas

chamava “usina de fabricar miseráveis: Cosettes, Valjeans, Thénadiers, Javerts” (ROUDINESCO, *Idem, ibidem*, p. 211).

Ele temia que o consumismo e a indústria cultural (para usar termos da Escola de Frankfurt, de que faziam parte Marcuse, Benjamin, Brecht, Horkheimer, Adorno) criava uma situação de “fascismo interno”.

No prefácio à edição americana de *O Anti-Édipo*, assim se expressa Deleuze:

[...] o fascismo que está em todos nós, que assombra nossos espíritos e condutas diárias, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e nos explora. (*apud* ROUDINESCO, *Idem, ibidem*, p. 217)

Vale a pena citar Deleuze (a quem Derrida considerava seu melhor interlocutor), por ser adepto do Pós-Estruturalismo, cuja re-verberação se deu, também, como se disse, nas pesquisas sobre linguagem, conhecimento, raciocínio, lógica, desconstruindo-as, desmontando-as, criando novas perspectivas, também, portanto, sobre os estudos linguísticos.

2. *Um passeio pela estilística: como as mudanças de sentido nas palavras e enunciados (denotativa ou conotativamente, literária ou não literariamente) foram apontando que a língua não é apenas veículo de nomeação*

Vale mencionar, como espécie de epígrafe a este capítulo, o que Joseph Vendryès (1950) afirma sobre a principal causa de transformação dos significados das palavras:

La vie favorise les transformations du vocabulaire parce qu’elle multiplie les causes que agissent sur les mots. Les relations sociales, les métiers, les divers outillages contribuent à transformer Le vocabulaire, condamnent les vieux mots ou en modifient les sens, réclament La création des mots nouveaux. L’activité de l’esprit est sollicitée sans cesse à travailler sur le vocabulaire [...] (VENDRYÈS, 1950, p. 226, grifamos)

Já na sua primeira frase, percebe-se que Vendryès atribuía à *vida* um papel de transformador das palavras e seus significados; repita-se: “*La vie* favorise les transformations du vocabulaire parce qu’elle multiplie les causes que agissent sur les mots” [“A vida favo-

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA **Múltiplas interconexões semiológicas**

rece as transformações do vocabulário porque ela multiplica as causas que agem sobre as palavras” – traduzimos]

No entanto, sobre a questão da literatura e sua influência na língua, Vendryès assim se manifesta, concluindo pela existência de um “*jargão literário*”, isto é, a literatura, embora ponto de partida de significados, ainda não era totalmente inserida nos estudos linguísticos do dicionário e da gramática no seu ponto de repositórios também da língua comum, como o serão em Wittgenstein. Leiam-se as palavras de Vendryès:

A língua artística dos livros é sempre uma reação contra a língua comum; até certo ponto, é um jargão, o jargão literário, que, apesar de conter inúmeras variações e ser diferente nos parnasianos, simbolistas ou decadentes, não deixa de ser, em todos os casos, uma alteração da língua corrente. (VENDRYÉS, *op. cit.* p 77, traduzimos)

Cabe ressaltar, antes de tudo, que Karl Bühler, austríaco, mas um dos precursores do Círculo Linguístico de Praga (década de 20 do século XX, círculo que fundou o chamado “Estruturalismo diacrônico”, e que, entre outros trabalhos, se notabilizou pelo estudo da língua como função: as funções da linguagem ou, como preferem alguns, as funções da língua), de que faziam parte, entre outros, Jakobson¹² (1963), Trubetzkoy e Courtenay, já esboçava que a língua possui três instâncias básicas e coexistentes quando concretizadas no ato de fala ou de discurso: 1) a representação (al. *Darstellung*); 2) o apelo (al. *Appel*) e 3) a manifestação psíquica (al. *Kundgabe*).

Bally (1940), por sua vez atribuiu à palavra “valor”¹³ o sentido de “expressividade”, ou seja, tudo o que fogia do espartilho da norma estritamente denotativa, coercitiva e uníssonas e podia ser visualizado à luz de fatores psíquicos, apelativos. Esse vislumbre abriu o ensejo a que se pudesse observar a manifestação da língua no dis-

¹² Jakobson, e outros membros do Círculo de Praga, eram egressos da Escola de Literatura denominada “Formalismo Russo”, cujo principal representante é V. Chklovski, e, tendo retirado da literatura subsídios, contribuiu com a linguística de maneira inquestionável.

¹³ A noção de “valor” em Saussure era usada como pedra de toque do Estruturalismo, a saber, a questão de que o valor de um elemento (sintagma) se dá em contraste com o conjunto de elementos da língua (paradigma).

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA **Múltiplas interconexões semiológicas**

curso como reveladora de fatores sociais, econômicos, políticos, antropológicos, psicológicos, míticos, religiosos.

Bally considera a estilística como o estudo dos fatos expressivos da linguagem sob o parâmetro do conteúdo afetivo, como foi visto: seu conceito de “valor”. Para ele, há três zonas de aplicação da estilística:

a) a linguagem em geral (universais estilísticos); b) uma certa língua (estilística da *langue*); c) o sistema expressivo de um indivíduo (estilística da *parole*).

Desse modo, a noção de *desvio* da língua padrão ou comum veio a alcançar cientistas das mais variadas searas, como sociólogos, literatos, linguistas, antropólogos, psicólogos, psicanalistas.

Nem sempre haverá distinção nítida entre o emotivo e o expressivo. Para Bally, por fim, “é expressivo todo fato linguístico associado à emoção, isto é, à força de persuadir” (BALLY, 1909 e 1913).

Observe-se que, aqui, já se insere no domínio da linguística o que Aristóteles atribuía ao domínio da Retórica e Saussure simplesmente considerava como não científico e, pois, não passível de estudos linguísticos.

Um segundo nome de extremo valor na ciência da língua como cambiante mercê das interferências do indivíduo, sobretudo no que se refere à dinamicidade dos *significados* e das *funções* através do *uso*, foi André Martinet (século XX, década de 50). Foi ele, por exemplo, que cunhou o termo “gramaticalização”, que é, *grosso modo*, a passagem de um elemento lexical (o que seria, então, considerado nomeador, nocional) para um elemento categorial ou gramatical (ou seja, instrumental).

Para Martinet, “estilo é um conjunto de escolhas, ou um afastamento em relação à norma” [traduzimos] (MARTINET, 1960).

Também é importante ressaltar-se, sobretudo com o advento dos aludidos estudos de Martinet, seguido de antropólogos como Lévi-Strauss, Malinowski, Viveiros de Castro, DaMatta, Schwartz e, por fim, de Sociolinguistas Interacionais (como Levinson, Gumperz, Searle, Schiffrin, Tannen) e Variacionistas (como Labov, Weinreich,

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA **Múltiplas interconexões semiológicas**

Herzog, Moita Lopes, Schlieben-Lange, Tarallo, Pretti) que, mesmo em relação à norma, não existe apenas uma dentro da mesma comunidade linguística, porquanto, em tal comunidade, serão sentidas variações (e, pois, *normas*¹⁴) de cunho diatrático, diacrônico, diatópico, diafásico. É muito conhecido o esquema de Coseriu, que resume as diversas normas a que está sujeita uma comunidade linguística:

a) linguagem familiar; b) linguagem popular; c) linguagem literária; d) linguagem elevada; e) linguagem vulgar etc. (COSERIU, 1988)

E, dentro de cada uma dessas normas, há, por assim dizer, *subvariações*¹⁵, os chamados *registros*: tenso, distenso etc. Eles são como matizes, variações cromáticas de dadas normas.

Bakhtin (2000) também traça importantes distinções sobre discurso e estilo quando os cataloga dentro dos gêneros, a que ele antes de tudo parte em gêneros primários e secundários. Com isso, o autor analisa inclusive modalidades textuais inteiramente rígidas, como as ordens militares e os cabeçalhos e fechos oficiais de correspondências, em que não pode haver qualquer espontaneidade.

Quando esta monografia tratou dos planos do dicionário e da gramática (cf. parte 1.2, supra), mostrou que ali estão presentes as noções de inventário aberto (dicionário, lexicalização, léxico) e inventário fechado (gramática, gramaticalização, categoria), e como a estaticidade inicialmente proposta por Saussure ou Aristóteles deve adaptar-se às mudanças efetivadas pelos *usos* e às inovações revolucionárias propostas, por exemplo, por L. Wittgenstein, quando este percebeu que a língua e seus “invólucros normativos” (dicionário e a gramática) são ações, formas de vida, e não listagens de nomes e regras estanques, tampouco restritos exclusivamente ao âmbito poético ou retórico, para usar palavras de Aristóteles.

Para iniciar-se um breve estudo sobre a estilística, contudo, deve-se alertar que a diversidade das acepções encerradas pelo termo *estilo* não é algo consensual entre os estudiosos dessa disciplina tex-

¹⁴ Esta questão será explicitada na parte 3.1, infra..

¹⁵ Ou “covariações significativas”, nas palavras de Coseriu.

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA
Múltiplas interconexões semiológicas

tual. Por isso, vale a pena conhecer brevemente algumas de suas principais vertentes, uma vez que, como foi dito, delas foram oriundos importantes *insights* de que a língua ultrapassa a fronteira da representação estrita e simplesmente, indo a terrenos que, como se procurará mostrar, confundem-se com a própria vida da pessoa.

Segundo Middleton Murry (*apud* MONTEIRO, 1990), as seguintes definições norteariam o problema da significação de “estilo”:

- a) traços indicadores da personalidade do escritor (*idiosincrasia*); b) traços que tornam reconhecível o que alguém escreve (*exposição*); c) “realização plena de uma significação universal em uma expressão pessoal e particular (estilo como *realização literária*)” (p. 29).

É nítido que em tal tricotomia não se apontam senão os traços de estilo pertinentes à realização *individual e literária*. “[Estilo é a] *qualidade de linguagem peculiar ao escritor, que comunica emoções ou pensamentos.*” (*op. cit.*, p. 30)

Como os traços do *meio, época e estrutura lingüística* são sobretudo fortes sobre o escritor, restariam, nessa acepção, poucos traços de fato particulares quando da análise estilística.

Baseado nisso, Paul Imbs (1975) define estilo como encaixe hierárquico, desde áreas amplas até áreas de percepção imediata. No cume de tal hierarquia estarão as famílias de línguas. Os demais níveis seriam:

- a) uma língua particular; b) uma época; c) um gênero literário; d) uma escola ou movimento literário; e) um escritor; f) uma fase da vida do escritor; g) um capítulo, parte ou parágrafo; h) uma frase ou enunciado.

Para Stephen Ullmann (2000), há, portanto, dois tipos básicos de estudo estilístico: o que enfatiza o estilo de uma língua (*langue*) e o que se fia na expressividade de um escritor (*parole*). Para o estudioso da chamada “Semântica histórica”, as duas principais maneiras de uma língua evoluir, no que tange aos significados das palavras, são exatamente a metáfora e a metonímia. Ou seja, é de desvios da *língua comum*, partindo, a princípio, da chamada conotação, e não da denotação, que, de fato, uma língua mudaria, segundo a tese do autor.

São ilustrativas as palavras de Afrânio Garcia:

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA

Múltiplas interconexões semiológicas

Os processos mais comuns que levam à mudança no significado de uma palavra são as metonímias e as metáforas. [...] [A] metáfora é um processo que envolve uma similaridade de significados, ao passo que a metonímia é um processo que envolve uma contiguidade de significados. Ora, para termos uma similaridade entre dois significados temos que ter uma relação mais ou menos rígida, em que um significado se *assemelhe* de uma forma razoavelmente nítida ao outro; já para termos uma relação de contiguidade entre dois significados basta que o feixe de fatores constituintes de um dos significados tenha algo a ver com o feixe de fatores constituintes do outro significado, ou seja, que os *dois significados tenham algum ponto em comum*. Esse ponto em comum pode assumir inúmeras formas, abranger vários tipos de relação, como *parte-todo, continente-conteúdo, lugar-coisa, coisa-característica, causa-efeito, formas, objetivos ou funções comuns*, e tantas outras *aproximações* que nossas mentes fazem constantemente entre um significado e outro na tentativa de melhor agrupar e apreender a *enorme realidade*, como disse Drummond.

[...] [E]mbora em algumas ocasiões a distinção entre metáfora e metonímia seja fácil e nítida, outras há em que mesmo um professor tarimbado e competente fica em dúvida sobre como classificar a associação que se estabelece entre dois significados. Por exemplo, quando Drummond fala “peixes circulando sob o navio que leva essa mensagem” em que o *navio* remete, nitidamente, para o *poema*, temos uma *metonímia*, em que o autor aproxima a função do *navio* (ir de um porto a outro) da função do *poema* (ir de uma alma a outra), ou temos uma metáfora, em que o *poema* é semelhante a um *navio*, indo de um lugar ao outro no *mar da vida*. Dificílimo optar por esta ou aquela interpretação.

A metonímia é bem mais produtiva do que a metáfora como processo modificador do significado das palavras. Uma das suas ocorrências mais frequentes é na criação de nomes para novos objetos, conceitos ou ramos do conhecimento, e é interessante notar que muitas vezes, embora estas novas denominações sejam extremamente transparentes, raros são aqueles que percebem sua origem como veremos nos exemplos abaixo.

5) A palavra avião, do francês *avion*, significava *ave grande*; quando foi inventado um *aparelho com asas que voava*, nada mais normal do que chamá-lo de avião.

6) A palavra tela indicava um *tipo de tecido*; quando o cinema foi inventado, ele era projetado num *retângulo deste tecido* montado sobre uma base, que passou a ser chamado, muito simplesmente, de tela; com a chegada da televisão e outras formas de vídeo, o termo tela generalizou-se para designar a *porção plana do aparelho* onde se projetam as imagens.

7) A palavra caneta foi inicialmente usada para indicar um pequeno tubo, uma *pequena cana*, à qual se ajustava uma ponta para escrever; o uso do termo caneta se generalizou, mas praticamente ninguém, a não ser

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA

Múltiplas interconexões semiológicas

um pesquisador de semântica ou história da língua, o associa a uma *pequena cana*.

8) A palavra músculo designava um pequeno rato, sendo o diminutivo do latim *mus* (que deu origem ao *mouse* do inglês); como os médicos da Idade Média, ao olharem para o músculo exposto de um paciente, o acharam parecido com um *filhote de rato*, sem pêlo, deram-lhe o nome de *musculu(m)*, que se mantém em várias línguas até os dias de hoje.

Já as metáforas são bem menos produtivas, talvez por serem mais profundas e poéticas, na evolução de novos significados das palavras. Também nesse caso, a maioria dos falantes muitas vezes não faz ideia da origem da palavra, embora seja bastante óbvio, como veremos nos exemplos seguintes.

9) A palavra ferina tinha o sentido de *próprio de fera, feroz*; hoje em dia é muito comum se ouvir falar em linguagem *ferina*, crítica *ferina*, etc., mas a maioria dos falantes do português a entende como *maldosa* ou *cruel*, sem associá-la a *fera*.

10) A palavra terno provém do latim *teneru(m)*, que também deu tenro, significando originalmente *tenro, mole*; da imagem metafórica de uma pessoa *mole*, que se deixa paralisar pelos sentimentos, sem vitalidade, surgiu o significado atual de terno, como *afetuoso, brando*.

11) A palavra porco indicava originalmente uma *espécie de animal* e passou a indicar, por um processo metafórico, as pessoas que são *sujas* como um porco. (GARCIA, 2004)

Para Guiraud (1972), seriam essas correntes estilísticas (a da língua e a do indivíduo) respectivamente a *estilística da expressão* e a *estilística do indivíduo*. Esta última foi adotada por Vossler (1963), Buenos Aires, Editorial Losada) e Spitzer (1948), preocupando-se com as *causas* do fenômeno da expressividade, sendo, pois, *genética*. Aquela primeira foi desenvolvida por Charles Bally (*op. cit.*) e considera estruturas e seus funcionamentos no sistema linguístico, sendo *descritiva*.

São os princípios formais que fazem haver distinção entre os gêneros literários. Como se percebe, as influências do Estruturalismo ainda são predominantes, mesmo quando se observa a noção de desvio, pois esta é observada em contraste à noção de norma, que, por sua vez, é tida como o elemento catalisador da comunicação meramente denotativa. Tem-se, portanto, todo o arcabouço básico do Estruturalismo enquanto método ou ciência-piloto: o contraste é que determina o fenômeno estudado. Sem contraste, não há fenomenolo-

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA **Múltiplas interconexões semiológicas**

gia. Não se está falando aqui de fenomenologia no sentido de Hegel com sua *Fenomenologia do espírito* (HEGEL, 1806), nem de Edmund Husserl (1978), que não se preocupavam com noções de contraste necessário para tecer suas teorias sobre o conhecimento humano, e foram ambos os precursores da visão ontológica das coisas e do pensamento¹⁶.

Em relação ao estilo de uma obra ontologicamente observada no âmbito de seu autor, haverá diferenças entre o que o escritor escreve no princípio, meio e fim de sua vida. Por isso se pode falar em estilo não do escritor, mas da obra específica que se analisa, sem contrastes estruturais. Trata-se do que Todorov chamou de “abordagem imanente do objeto”, ou seja, não estudar a obra como se fosse um sintagma, em contraste com um paradigma literário, mas estudar aquela obra por si mesma (TODOROV, 1971) Seria estilo, então, “uma forma peculiar de encarar a linguagem com uma finalidade expressiva” (*Idem, ibidem*).

Nilce Sant’Anna Martins (1997) fornece parâmetros para a definição de estilo, antes com o aval de Georges Mounin – que divide o conceito em três partes – ou Nils Erik Enkvist – este em cinco partes –, e, após os dois, com inúmeros outros autores de igual suporte técnico. Assim se perfilaria o quanto diz a autora, ora parafraseada:

Segundo G. Mounin, estilo seria encarado por três ópticas distintas: a) a daqueles que o veem como *desvio da norma*; b) a daqueles que o veem como *elaboração*; c) a daqueles que o veem como *conotação*. (MARTINS, *op. cit.*) [...]

Para N. E. Enkvist, estilo é: a) adição, “envoltório do pensamento”; b) escolha; c) conjunto de caracteres individuais; d) desvio da norma; e) caracteres coletivos (estilo de época); f) “resultado de relações entre entidades linguísticas formuláveis em termos de textos mais extensos que o período.” (*Idem, ibidem*)

Ainda dos dois autores supracitados, e principalmente dos livros de Guiraud, N. S. Martins colhe as seguintes definições, assaz elucidativas:

¹⁶ Vale, aqui, lembrar que Husserl foi professor de Heidegger.

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA

Múltiplas interconexões semiológicas

“Estilo é o homem.” (Buffon); “O estilo é o pensamento.” (Rémy de Gourmont); “O estilo é a obra.” (R. A. Sayce); “Estilo é a expressão inevitável e orgânica de um modo individual de experiência.” (Middleton Murray); “Estilo é o que é peculiar e diferencial numa fala.” (Dámaso Alonso); “Estilo é a qualidade do enunciado, resultante de uma escolha que faz, entre os elementos constitutivos de uma dada língua, aquele que a emprega em uma circunstância determinada.” (Marouzeau); “O estilo é compreendido como uma ênfase (expressiva, afetiva ou estética) acrescentada à informação veiculada pela estrutura linguística sem alteração de sentido. O que quer dizer que a língua exprime e o estilo realça.” (Riffaterre); “O estilo de um texto é o conjunto de probabilidades contextuais dos seus itens linguísticos.” (Archibald Hill); “Estilo é surpresa.” (Kibédi Varga); “Estilo é expectativa frustrada.” (Jakobson); “Estilo é o que está presente nas mensagens em que há elaboração da mensagem por si mesma (*Idem*); “Estilo é o aspecto do enunciado que resulta de uma escolha dos meios de expressão, determinada pela natureza e pelas intenções do indivíduo que fala ou escreve.” (Guiraud); “Estilo é o conjunto objetivo de características formais oferecidas por um texto como resultado da adaptação do instrumento linguístico às finalidades do ato específico em que foi produzido.” (Herculano de Carvalho); “Estilo é a linguagem que transcende do plano intelectual para carrear a emoção e a vontade.” (Mattoso Câmara)

Como se percebe, a noção de língua comum ou de língua padrão é bastante abalada e enriquecida com a pesquisa sobre os desvios de cunho estilístico. Como se mostrará, à frente, neste mesmo trabalho, estas noções, assim como outras, em que a língua não é mero portador de um significado unívoco para um significante igualmente unívoco, foram sobremodo importantes para a concepção de língua como forma de vida. O estudo da questão do estilo, assim quer parecer, é apenas um primeiro patamar de demonstração, já esboçado mesmo por Aristóteles, como se viu, de que a língua não é apenas um conjunto de nomes (de que o dicionário se ocuparia) e regras (de que a gramática se ocuparia) fixos cujo objetivo ulterior seria transmitir uma mensagem de apreensão imediata, mas, antes, trata-se de um fator tão ligado à natureza humana que, em muitos casos, tornaria-se um moto perpétuo dizer quem veio antes: *o homem ou a linguagem*.

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA

Múltiplas interconexões semiológicas

2.1. Normas e desvios

Constituem normas aqueles hábitos, construções ou usos da maioria da população, ao passo que os desvios são as alterações ou variações havidas por desconhecimento da norma ou por intuito expressivo. (MONTEIRO, 2000)

Perceba-se que, ora, já se fala em *normas*, no plural, e não mais em *norma*, no singular, muitas outras seriam as que poderiam ser catalogadas. Há, como já se esboçou, a *linguagem hierárquica*, não a dos jargões (aquela mais bem encarada por Bakhtin) (2000), mas a *universalmente hierárquica*, se assim se puder rotular, segundo a qual as relações humanas de subordinação, em qualquer nível – profissional, familiar, estudantil –, fazem-se patentes. Assim sendo, é um desvio a essa norma quando, por exemplo, a mãe se dirige à filha chamando a esta última de “senhora”. Com essa atitude linguística, não premeditada quanto à causa, mas sim quanto à consequência, a mãe estará subvertendo a ordem hierárquica que as situa uma em relação à outra, operando, assim, imediato afastamento – eis o desvio – entre elas: naturalmente que aquela atitude deve conotar insatisfação por parte da mãe (ou ironia, ou qualquer outro sentimento contrário à normalidade, ao grau zero, à denotação, no caso uma *denotação situacional*, portanto).

Tal constatação se prenderia, em princípio, mais à Sociolinguística do que à Estilística, por estar esta última peremptoriamente situada no âmbito da literatura, ao passo que aquela primeira se preocupa antes com os fatos da língua falada (ou, ao menos, da língua sem preocupação *estética*).

Apesar disso, muitos são os estudiosos modernos que tendem a fazer as duas ciências convergirem. Pode-se citar, para não haver grandes extensões, Dino Pretti (2007), em que tece muito acuradamente a malha da literatura no quadro sociocultural brasileiro, e Fernando Tarallo, com sua obra introdutória *A Pesquisa Sociolinguística* (TARALLO, 1999), além do próprio Manuel Rodrigues Lapa, sempre cotejando, em *Estilística da Língua Portuguesa*, (LAPA, 1991) as literaturas de Portugal e do Brasil com a fala popular. Endossa-se a ciência, entretanto, a respeito da supremacia, aqui, da Sociolinguística, ao usar-se, por exemplo, a nomenclatura “denotação

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA

Múltiplas interconexões semiológicas

situacional”, opondo *situação* a *contexto* (este último ligado ao texto, obviamente, sendo aquele a descrição de confrontos extralinguísticos), como sempre fez, por exemplo, Mattoso Câmara.

Portanto, ao proceder-se ao inventário de um *desvio*, deve-se, antes, descrever, ou constatar, no âmbito de qual das normas se estará agindo, isto é, qual daquelas *normas* estará servindo de parâmetro para a detecção, agora sim, de um desvio específico. O ideal, pois, não é se falar em desvio à norma, mas sim em *um* desvio (ou vários destes) a *uma* norma.

Dentre os equivalentes para os termos desvio ou afastamento, tem-se, segundo Du Bois (1985):

abuso (*abus*, Valéry); *violação* (*viol*, J. Cohen); *escândalo* (*scandale*, R. Barthes); *anomalia* (*anomalie*, T. Todorov); *loucura* (*folie*, Aragon); *variação* (*deviation*, L. Spitzer); *subversão* (*subversion*, J. Peytard); *infração* (*infraction*, M. Thiry).

É comum opor-se Gramática/Dicionário a Estilística pelos conceitos de norma e desvio: enquanto esta estaria preocupada com o que for afastamento (portanto imprevisível e dificilmente sistematizável), aqueles se manteriam no estudo da própria norma, patrimônio comum de uma comunidade e, portanto, passível de descrição factual e previsão. Só será *estilo*, todavia, o desvio utilizado com fins expressivos; se assim não for, é apenas um afastar-se fortuito, como se quer conceber.

O conceito de desvio deverá, como se viu, levar em conta determinado registro linguístico, que passa a ser, assim, a *norma* através da qual se principiará o estudo estilístico. Será desvio, portanto, por exemplo, numa literatura de cordel, uma palavra erudita, que se terá afastado do registro vigente naquela literatura aludida, de cunho peremptoriamente coloquial.

Por isso, somente o contexto – ou a situação geral, num “jogo”, como mostrará Wittgenstein – determinará quando algo é ou não é desvio.

Não há correspondência inequívoca e infalível entre norma/desvio e gramática-dicionário/estilística: há afastamentos sem expressividade (e que, pois, não interessam à estilística), há outros

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA

Múltiplas interconexões semiológicas

que assim se consideram apenas em relação a determinada norma, que não a culta (portanto não são infrações obrigatoriamente à gramática normativa ou ao dicionário, preocupados sobretudo com esta norma específica).

Há, por fim, elementos estilísticos que se calcam tão só na gramática e no dicionário, pois que se utilizam destes, em suas inúmeras possibilidades sistêmicas oferecidas, a fim da construção do texto. É o que fazem, por exemplo, com muita frequência, João Cabral de Melo Neto e Antônio Carlos Secchin (cf. CAETANO, 2008).

Parece ter ocorrido algo semelhante quando João Cabral de Melo Neto, em seu poema *Mulher cidade*, assim procede:

[...] nunca se saberá
se viva a cidade
ou a mulher melhor
sua *mulheridade*. (MELO NETO, 1997)

Pode-se ter, com este último vocábulo, a impressão de que se trata, muito mais do que de uma derivação (sufixal, com o sufixo – *idade*) de uma *palavra-valise*¹⁷ desta nova palavra derivada com uma outra, *composta*, dessa vez, dos vocábulos *mulher* e *cidade* (como o é o título do poema), além de, aí contido, o vocábulo *melhor* do verso anterior, em paronomásia, naquele verso, com *mulher*: Houve, pois, palavra-valise entre, basicamente, uma palavra derivada, uma composta e outra (supletiva? – cf. “melhor” *versus* “mulher”), tudo isso calcado num neologismo inconcusso. Nesse neologismo, não se

¹⁷ São ilustrativas as palavras de Sebastião Uchoa Leite (CARROLL, 1980), no prefácio que escreve à sua tradução de *Alice no país das maravilhas*:

“Como sistema, o material manipulado pelo *nonsense* são as palavras. Um jogo de equilíbrio entre significados diversos e por isso, informa Sewell noutro texto sobre Carroll [SEWELL, 1952], seu terreno mais fértil são os trocadilhos e os *portmanteaux* [*palavras-valise*] (e por causa desse equilíbrio, o mestre da lógica do *nonsense*, está sentado sobre um muro estreito). [...] O *nonsense* é um processo em si mesmo, sem qualquer outra finalidade. É pura superfície, conclui Holquist (1952). É uma violência contra a semântica, ‘mas, desde que é sistemático, o sentido do *nonsense* pode ser apreendido’ [sublinhamos]. E nisso é que Holquist vê o maior valor do *nonsense* e de seu mestre Carroll, o de chamar a atenção para a linguagem, para o fato de que ela não é só algo que conhecemos, mas algo vivo, em processo, “algo a ser descoberto”.

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA **Múltiplas interconexões semiológicas**

deixou de ver, outrossim, o próprio – e autônomo – vocábulo *idade*, forma *livre*, espécie de concretização (ou libertação textual) de uma forma *presa* originária, o sufixo *-idade*, expressivamente, aqui sobretudo, formador de substantivos abstratos, ou, melhor dizendo, de *abstrações*, acima de tudo semânticas, só passíveis de compreensão no contexto da *verossimilhança interna*, *cunhado na Arte Poética de Aristóteles* (COSTA, 1992) e explorado em *A origem da tragédia* (NIETZSCHE, 2008).

A conexão entre Wittgenstein e o *nonsense* é brilhantemente exposta no artigo de Pitcher (1952), em que, pela noção da imprevisibilidade total dos significados, mercê da concepção dos jogos de linguagem de Wittgenstein, o *significado* chega a perder seu *sentido* (em inglês, há diferença entre *meaning* – “significado” – e *sense* – “sentido”), o que era prefigurado em Lewis Carroll, usando, de certo modo, a noção de verossimilhança interna, do mestre estagirita.

O desvio expressivo deve ser entendido, pois, antes do mais como *criatividade*, ou como *recriação* em todos os níveis da língua, normativos ou não normativos, padrão ou não padrão, sem que, para isso, seja necessário interferir-se sobre o código ou inventário comum, portanto.

2.2. Emotividade e expressividade

O estudo estilístico, como se viu, se relaciona aos elementos capazes de despertar conteúdos emotivos, como se quer estabelecer com mais frequência. No entanto, é do escopo deste trabalho mostrar como seus resultados acabaram cedendo à *norma padrão* da língua, ou a seus compêndios básicos (a gramática e o dicionário) uma primeira revolução no que se referia às teorias semânticas clássicas de nomeação e classificação, excessivamente estáticas, por não levarem em consideração a noção de *usos*, mesmo na língua comum (não literária).

Para Mattoso Câmara Jr. (1978), seguindo na esteira de Karl Bühler, “só é fato de estilo a peculiaridade do escritor que é utilizada para fins de exteriorização psíquica.” Como se viu, essa noção, provinda da literatura, deu ensejo às Sociolinguísticas, ocupadas, tam-

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA

Múltiplas interconexões semiológicas

bém, da fala, das normas, da diacronia e de outros fatores, todos eles atrelados ao indivíduo e sua inter-relação com a língua.

Para Darmesteter (1886), as palavras não são constantemente poéticas. Por isso, prefere falar em *poetização*, processo através do qual se impõe à atenção do leitor, em dado contexto, certa palavra, tornando-se, aí, poética.

Dessa forma, o método estilístico deve recorrer constantemente à noção de contexto, o que será tão evidenciado com a noção de USO em Wittgenstein.

2.3. Denotação e conotação

O método estilístico também deve levar em conta o contraste existente entre os aspectos conotativo e denotativo da linguagem, este último o que se convencionou chamar de “grau zero”.

Os componentes afetivos instauram a atmosfera conotativa. A denotação, por outro lado, se calca nos aspectos conceituais. Entretanto, essa “polarização” foi, pouco a pouco, fundindo-se num único conceito de “significado”, atrelado, sempre, ao *sentido* instaurado por usos específicos. Ou seja: nascendo de uma dicotomia quase inconciliável, os estudos de Estilística avançaram para um consórcio das duas ideias básicas de que partiram: denotação *versus* conotação.

Segundo Herculano de Carvalho (1974), “a denotação se liga ao núcleo intelectual ou conceptual do significado, ao passo que à conotação caberá a margem volitivo-emotiva que o envolve.”

Como nem sempre as conotações de uma palavra se restringem a um indivíduo, mas à massa coletiva em que este está inserido, cumpre falar em duas conotações:

- a) mito individual;
- b) mito coletivo.

Para “mito coletivo”, Jung (1977) empregou o termo “arqué-tipo” baseado, também, na dicotomia a que se alude acima: individu-

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA **Múltiplas interconexões semiológicas**

al vs. coletivo. Junito de Sousa Brandão, em sua obra prima “Mitologia Grega”, (BRANDÃO, 1998) diz:

Nos mitos, esses conteúdos remontam a uma tradição, cuja idade é impossível determinar. Pertencem a um mundo do passado, primitivo, cujas exigências espirituais são semelhantes às que se observam entre culturas primitivas ainda existentes. Normalmente, ou didaticamente, se distinguem dois tipos de imagens:

a) imagens (incluídos os sonhos) de caráter pessoal, que remontam a experiências pessoais esquecidas ou reprimidas, que podem ser explicadas pela anamnese individual;

b) imagens (incluídos os sonhos) de caráter impessoal, que não podem ser incorporados à história individual. Correspondem a certos elementos coletivos: são hereditários. (BRANDÃO, 1998, p. 37)

Também é estritamente relacionado ao conceito de conotação o de metaforização e/ou analogia, como foi mostrado. Segundo Bréal (1897), geralmente uma palavra se associará com outra que:

a) possa substituí-la em certo contexto; b) reevoque alguma identidade fônica ou grafêmica; c) possua estrutura semântica total ou parcialmente idêntica; d) possa combinar-se com ela.

Como se percebeu, a noção de que a língua é um “tesouro” comum a todos os indivíduos e que está fadada a evocar um e somente um significado para cada enunciado ou enunciação é posta em xeque já com a ascendência das visões e dos estudos sobre estilo.

Desse modo, as teorias clássicas de semântica, que atribuem a cada palavra um significado inconcusso, sofrem um abalo a partir do momento em que se percebe que a significação não é aquilo que Guiraud, por exemplo, expôs, ao dizer:

A significação é o processo que associa um objeto, um ser, uma noção ou um acontecimento a um signo capaz de os evocar: uma nuvem é sinal de chuva, um franzir de sobrancelhas sinal de perplexidade, o latido de um cão sinal de cólera, a palavra “cavalo” é o signo de um animal.

O signo é, portanto, um excitante – os psicólogos dizem um estímulo, cuja ação sobre o organismo provoca a imagem memorial de um outro estímulo; a nuvem evoca a imagem da chuva, a palavra evoca a imagem da coisa. (GUIRAUD, *op. cit.* p. 15)

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA **Múltiplas interconexões semiológicas**

E arremata, páginas à frente: "A comunicação postula teoricamente um único nome para cada sentido e um único sentido para cada nome [...]" (*op. cit.* p. 35)

Apesar disso, o Autor não é insensível às variações e multiplicidades de significantes para um mesmo sentido ou de sentidos para um mesmo significante, quando trata das noções de polissemia e homonímia, por exemplo, estabelecendo os conceitos de “sentido de base e sentido contextual”, assim se expressando:

Se um nome pode ter vários sentidos, são contudo sentidos virtuais; é sempre um só deles que se atualiza em um contexto dado [...] Toda palavra está ligada a seu contexto, do qual ela tira o seu sentido; esse sentido contextual pode ser confundido com o sentido de base em palavras técnicas do tipo “sulfato de sódio” ou “encefalite”, palavras para as quais a área contextual está estritamente delimitada [...] (*op. cit.* p. 35-6)

Esse abalo ocorrerá, como será mostrado à frente, exatamente porque a língua não é um inventário de nomes, não é um veículo de nomeação, não é, tampouco, um sistema unívoco de comunicação e regras, de palavras “em situação dicionária” (=“estagnada”) (cf. MELO NETO, “Rios sem discurso”, 1997). A língua, não se desprezando essas funções como presentes em alguns casos, é, além deles, um envoltório psicobiossocial que se confunde com a própria existência e vida do indivíduo.

Assim, dentro da razoabilidade, os baluartes principais da padronização e normatização da língua – o dicionário e a gramática normativa – deveriam procurar ocupar-se, em suas metalinguagens, deste fator inegável de que a língua se reveste.

Por fim, é importante salientar-se que mesmo autores da chamada tradição representacionista da linguagem ou da semântica se mostravam atentos ao fato de que a lexicografia e a gramaticografia deveriam ocupar-se, também, dos afastamentos da linguagem comum.

Assim, por exemplo, o próprio Guiraud (*op. cit.*) fala em “valores expressivos”, assim se referindo à linguagem como algo que vai além do estatuto racional ou lógico que, por exemplo, previa Aristóteles em relação à língua comum:

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA

Múltiplas interconexões semiológicas

- a) *Os valores expressivos e a dupla função da linguagem.* – A linguagem, como já se viu, tem uma função lógica ou cognitiva, ela serve para a comunicação de conceitos, evocando no espírito do interlocutor as imagens que se formam em nosso próprio espírito. Mas essa comunicação nocional, que é a finalidade da ciência ou do conhecimento lógico só é indiretamente a finalidade da comunicação social, que é essencialmente *volitiva*: comunicamos nossos pensamentos com o fim de obter certas reações [...] (*op. cit.* p. 36)

Na obra *Semântica*, Ilari e Geraldi (1987) já apontam mais nitidamente a preocupação com a questão da teoria clássica dos significados em relação à gramática e ao dicionário, por exemplo, em seus capítulos 2 (“A significação das construções gramaticais”, p. 8 a 28) e 4 (“A significação das palavras”, p. 41 a 64)

Sobre a questão de que a língua antes faz com que ações sejam alçadas, são importantíssimas as obras de Austin (AUSTIN, 1965) e de Searle (1969).

Também é muito importante a contribuição de Benveniste (1976), já na sua quinta parte, especialmente nos textos “A natureza dos pronomes” e “Os verbos delocutivos”, em que o autor, transitando entre o Estruturalismo e o Pós-Estruturalismo, a visão Formal e Funcional da língua, o modelo tradicional de significação e a formulação da língua como ação, práxis, forma de vida, dá importantes elucidacões acerca da dêixis (que, no caso do autor em tela, é bastante complexa) e da performatividade na fala.

3. Wittgenstein e a noção de USO sobre a definição ostensiva (ou perspectiva representacionista da linguagem)

3.1. O dicionário e a gramática: primeira instância

Como foi visto até aqui, de certo modo (às vezes mais explícito, às vezes mais implícito), ao dicionário e à gramática caberia uma instância de significados e arrolamentos meramente representacionista, embora, com o advento dos estudos de Estilística, traços pertencentes não apenas à chamada “língua comum”, mas também “à língua literária”, tenham entrado nos arrolamentos desses compêndios, havendo, nisto, uma primeira preocupação com a dinamicidade dos significados segundo os *usos*, o que, repita-se, foi ainda mais enri-

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA **Múltiplas interconexões semiológicas**

quecida com o avanço dos estudos sociolinguísticos (funcionais) e a inserção de seus resultados na gramática e no dicionário (formais/funcionais). No entanto, sobre a questão representacionista, tudo o que se afastasse dessa perspectiva racional e lógica seria compreendido, ainda, à luz de fatores relativamente exógenos à técnica de fatura desses dois balaústres da Norma Culta ou Padrão.

Assim é, por exemplo, que muitos livros didáticos, até hoje, citam como sinônimo de “sentido denotativo” ou “literal” um hipotético “*sentido dicionarizado*” (*sic*). A gramática, por sua vez, ao pretender estudar a Semântica, fá-lo sob os mesmos preceitos há pouco citados: expõem listas de homônimos, sinônimos, parônimos, hipônimos, hiperônimos, todos partindo da noção literal (ou “dicionarizada”) dos vocábulos estudados. Ademais, ambos, em muitos casos, partem de noções supostamente lógicas do pensamento, que agrupam palavras em classes e funções sintáticas quase matematicamente previsíveis.

No entanto, nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein (1984a, 1999) vai ampliar tal posição lexicográfica e gramaticográfica (WITTGENSTEIN, 1984b). O filósofo parte da concepção (ou imagem) agostiniana da linguagem, segundo a qual o significado (al. *Bedeutung*) é precisamente aquilo que pode substituir, na linguagem, o objeto (al. *Gegenstand*). Assim, para Agostinho, haveria, na linguagem, uma referência para cada objeto (visão representacionista), e a cognição geral do campo deste significado se daria pelo método da nomeação, que é, *grosso modo*, o que corresponde ao conceito wittgensteiniano de *definição ostensiva* – o qual, repita-se, há de ser por ele apontado como ineficaz.

Assim se expressa Agostinho no Livro I (*A infância*), no capítulo 8: “Como aprendi a falar”:

Retinha tudo na memória quando pronunciavam o nome de alguma coisa, e quando, segundo essa palavra, moviam o corpo para ela. Via e notava que davam ao objeto, quando o queriam designar, um nome que eles pronunciavam. Esse querer era-me revelado pelos movimentos do corpo, que são como que a linguagem natural a todos os povos e consiste na expressão da fisionomia, no movimento dos olhos, no gesto, no tom da voz, que indica a afeição da alma quando pede ou possui e quando rejeita ou evita. Por esse processo retinha pouco a pouco as palavras con-

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA

Múltiplas interconexões semiológicas

venientemente dispostas em várias frases e frequentemente ouvidas como sinais de objetos. (SANTO AGOSTINHO, 1996)

Como se percebe, o Bispo Agostinho de Hipona não repudia o fator *afeição*, que, também, reveste o conjunto da língua, esboçando, de certa forma, a noção de conveniência ou inconveniência de uso de uma palavra; dá-se guarida, pois, não apenas ao aspecto referencial da linguagem, senão que, também, à sua faculdade de vir implicitamente carregada de um sem-número de subterfúgios apelativos e de manifestação psíquica, campo, ora, do que se circunscreveria mais explicitamente à estilística. No entanto, é para ele, sem dúvida, mais nítida a noção de que aprender a falar é estar exposto àquilo a que Wittgenstein chamará de “definição ostensiva”, isto é, um objeto é *apontado* quando se pronuncia seu nome (“[...] quando pronunciavam o nome de alguma coisa [...] moviam o corpo para ela”), pelo que se lhe detectará (a este objeto), enfim, esta designação a que se alude. Há, por detrás da faculdade de nomear, portanto, outra subjacentemente material, empírica, por assim dizer palpável.

Esse tipo de aprendizagem e de visão da língua, aliás, era o defendido por Russell e Frege (1973). Provavelmente para impedir um confronto direto com esses filósofos, Wittgenstein preferiu apelar à visão, que era semelhante à dos dois supracitados, de Santo Agostinho de Hipona.

A primeira crítica que Wittgenstein faz a esse tipo de aprendizado ou “definição ostensiva” está no primeiro parágrafo das Investigações filosóficas (após ele traduzir do latim um trecho de Agostinho) e ao longo de toda a obra, em que ele aponta a primeira falibilidade da episteme agostiniana.

1. [...] Nessas palavras, temos, assim me parece, uma determinada imagem da essência de linguagem humana. A saber, esta: as palavras da linguagem denominam objetos – frases são ligações de tais denominações. – Nesta imagem da linguagem, encontramos as raízes da ideia: cada palavra tem uma significação. Esta significação é agregada à palavra. É o objeto que a palavra substitui.

Santo Agostinho não fala de uma diferença entre espécies de palavras. Quem descreve o aprendizado da linguagem desse modo, pensa, pelo menos acredito, primeiramente em substantivos tais como “mesa”, “cadeira”, “pão”, em nomes de pessoas, e, apenas em segundo lugar, em

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA

Múltiplas interconexões semiológicas

nomes de certas atividades e qualidades, e nas restantes espécies de palavras como algo que se terminará por encontrar.

[...]

2. Aquele conceito filosófico da significação cabe bem numa representação primitiva da maneira pela qual a linguagem funciona. Mas pode-se também dizer que é a representação de uma linguagem mais primitiva do que a nossa. [...]

[...]

185. [Considere-se a possibilidade de uma pessoa que, ao gesto de apontar com o dedo, reagisse naturalmente, olhando na direção que vai do fim do dedo ao punho, e não do punho ao fim do dedo (WITTGENSTEIN, 1999).

Em vez de perflustrar nomes como fatos materialmente intrínsecos àquilo por eles representado, Wittgenstein associa, ao conceito de significado, o de *uso* (al. *Gebrauch*), que seria, exatamente, fornecer não apenas o conhecimento do objeto a que se reporta aquele nome, que, tendo-lhe sido dado, deixaria serem previstas as situações, as circunstâncias diversas em que se lhe evocará a contento o próprio “representante” (cf. OGDEN-RICHARDS), ou “significante” (cf. SAUSSURE) que se reporte àquele “representante”, chancela que seja, este último, do “mundo dos objetos” (cf. CASSIRER, 1983). O conceito de nomes abstratos seria uma decorrência inevitável da materialidade do nome em face de um real objeto ou ação ou qualidade, e nada mais.

Assim, poder-se-ia dizer que a noção de significado corre em parilha com a de uso, não com a de objeto, de que é, contudo, como primícias, uma consequência inconcussa: se se recorresse tão só à *definição ostensiva*, só se poderia ter claro o uso de uma palavra mediante a prévia elucidação total da *função* que deveria ser desempenhada por essa palavra no *jogo da linguagem*, função seja sintática, seja semântica.

Sílvia Faustino assim se refere a essa primeira posição crítica de Wittgenstein sobre o conceito agostiniano de linguagem:

O conceito agostiniano de significado (Bedeutung) encerra a ideia de que há para cada palavra da linguagem uma referência, uma coisa ou objeto que lhe corresponde, sendo essa correspondência aprendida e ensinada pelo procedimento de nomeação. [...] Dois passos são de crucial

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA

Múltiplas interconexões semiológicas

importância nessa primeira crítica: o primeiro consiste em identificar a descrição do significado – no sentido amplo do termo e não no sentido estritamente agostiniano – de um signo com a descrição de seu uso no contexto de um jogo de linguagem determinado; o segundo consiste em delimitar, à luz dessa identificação, o papel que uma descrição do aprendizado do signo pode desempenhar na descrição do seu uso atual (em ato). A abordagem de situações típicas do processo de aquisição da linguagem, longe de discorrer sobre “psicologia infantil”, não visa senão trazer para o interior da reflexão gramatical o vínculo possível entre o conceito de ensino (Lehren) e o conceito de “significado” (Bedeutung). (WITTGENSTEIN, 1984c, § 412, In: FAUSTINO, 1995)

Tal premissa há de estender-se ao plano contextual da sintaxe, não apenas ao plano situacional da vida; se se compreendesse o fato de outro bordo, estar-se-ia muito mais circunscrito à imagem agostiniana da linguagem.

Assim, com a noção wittgensteiniana que expusemos de significado, é perceptível que o treinamento (al. *Abrichtung*) centra-se no ensino (al. *Lehren*), e, mais do que isso, no que ele chama de *ensino ostensivo* (al. *hinweisendes Lehren*) de uma palavra, a partir do momento em que este, mais do que denominar um objeto, permite, ao usuário daquela palavra recém-aprendida, certa previsão de seu uso nas situações a que estiver mais intimamente relacionada.

3.2. O dicionário e a gramática: segunda instância

Um dicionário deverá ser capaz de fornecer, dentro do possível, como foi dito, o ensino ostensivo de um determinado lexema: o seu significado será ensinado mediante as virtualidades e potencialidades, consubstanciadas, futuramente (e tendo-o sido, outrossim, previamente), pelo uso, ou *no* uso. Isto é: o uso de uma palavra é algo colhido dos *corpora* provenientes dos usuários da língua, as muitas situações diferentes possíveis àquela palavra. Uma vez assim inequivocamente detectados esses usos, devem ser previstos num dicionário para a sua manutenção, – enquanto os usuários não houverem por bem substituí-lo por outro, aprimorá-lo, esquecer-lo, especificá-lo, enobrecê-lo, vulgarizá-lo, estendê-lo; em suma: pô-los no *jogo da linguagem*.

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA **Múltiplas interconexões semiológicas**

Para Wittgenstein, jogo da linguagem é definido, entre outros parágrafos, no seguinte:

§ 559: É preciso não esquecer que o jogo da linguagem é dizer o imprevisível – isto é, não se baseia em fundamentos.

Não é razoável (ou irrazoável).

Está aí – como a nossa vida. (WITTGENSTEIN, 1999)

É preciso, ora, cotejarem-se as concepções wittgensteinianas com a técnica metalinguística *dos dicionários e das gramáticas*, sabendo-se, de antemão, que esses dois livros se autorregulam, como inclusive se verá melhor à frente.

Voltando, contudo, anteriormente, a uma análise sobre metalinguagem gramatical e dicionarística, Benveniste parece apontar, entre oscilações formalistas, funcionalistas e até psicanalíticas, a dinamicidade dos significados, em função da própria dinamicidade da linguagem e da subjetividade humana, atreladas uma à outra. Em outros termos, o Autor, tratando dos pronomes, acima já discutidos (1.2, supra), ora complementa:

Entre *eu* e um nome referente a uma noção lexical [inventários fechado e aberto, respectivamente; gramática e dicionário, pois], há não apenas as diferenças formais, muito variáveis, impostas pelas estruturas morfológica e sintática das línguas particulares. Há outras, e que são de uma natureza mais geral e mais profunda. (BENVENISTE, 1998a)

Benveniste parece, aqui, apontar para a questão da alteridade na linguagem, mas, sobretudo, para a questão da subjetividade que esta encerra. Isto é, além de meros “Artefatos” de gramática ou de dicionário (listas de palavras ou listas de regras morfológicas, sintáticas, a expressão nas formas linguísticas obedece à própria natureza do homem, sendo intrínseca a ele. A linguagem não é um instrumento, mas “ensina a própria definição do homem”

Assim se manifesta o autor:

Na realidade, a comparação da linguagem com um instrumento, e é preciso que seja com um instrumento material para que a comparação seja pelo menos inteligível, deve encher-nos de desconfiança, como toda noção simplista a respeito da linguagem. Falar de instrumento é pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. Inclino-nos sempre para a imaginação ingênua de um

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA

Múltiplas interconexões semiológicas

período original, em que um homem completo descobriria um semelhante igualmente completo e, entre eles, pouca a pouca, se elaboraria a linguagem. Isso é pura ficção. Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem. (BENVENISTE, 1998b)

Em primeiro lugar, muitos dicionaristas utilizam, para LEXEMA, como foi visto, as expressões “entrada”, “verbetes”, “cabeça”, “unidade léxica”, fiando-se no *significante* como ponto de partida para a fatura dos dicionários, alegando, para tanto, que nem sempre é uma palavra o que vem encetando um verbete, mas, às vezes, frases feitas (os sintagmas fixos – para Herculano de Carvalho, por exemplo, ou as lexias – para Pottier), e, até mesmo, apenas morfemas ou outros vocábulos categoriais (do campo do inventário fechado, da gramática, como também já foi mostrado).

Pelo que se pode concluir da revolução wittgensinteiniana de *jogos de linguagem*, a expressão “unidade léxica” seria falha, justamente pelo conceito intrínseco que houve por detrás da necessidade de sua adoção: saber que um dicionário não lida apenas com o *léxico* da língua, e que este seria nomeador e representacionista. Como se viu, para Wittgenstein, e também para Benveniste, o *uso em contextos diversos* determina o significado, e, pois, o dicionário deve fornecer, dentro do possível, previsões, também, do eixo estrutural (paradigmático) mais profundo de uma língua – por exemplo, quando averba morfemas em seu rol de “dicções”, e quando potencializa outros usos criativos em atos de discurso, que ali não foram descritos.

Quanto à questão dos inventários aberto (léxico, plano do dicionário) e fechado (categorias, plano da gramática) – algo de fato diretamente importante para a elaboração de um dicionário –, têm os dicionaristas utilizado duas técnicas distintas, vertentes, embora, de um mesmo conceito.

Assim, para as palavras do inventário aberto, utilizam a chamada “metalinguagem de conteúdo” (interessada no “significado” extralinguístico dessas entidades), ao passo que, para os elementos do inventário fechado, utilizam a chamada “metalinguagem de sig-

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA **Múltiplas interconexões semiológicas**

no” (interessada nas possibilidades de uso dessas entidades gramaticais). Deverá haver uma conjugação das duas metalinguagens para ambos os inventários da língua, estando, assim, os dicionários, mais em conformidade com o *uso* wittgensteiniano.

A lei que rege a fatura dos dicionários, já tendo em vista que mais aplicada diretamente em relação às entidades do inventário aberto, é a *lei sinonímica*, segundo a qual um significante deve ser igualado, para uso e técnica lexicográficos, a um de seus significados (no caso, naturalmente, de aquele significante possuir mais de um significado), como numa espécie de aposição ou superposição didática.

Assim, são *virtuemas* quaisquer complementos ligados ao significante (incluindo-se os possíveis complementos circunstanciais) que possam, numa dada situação plausível para seu uso (daquele significante), afetar o entendimento do enunciado em que figura.

Esses virtuemas podem ser, para só darmos um exemplo, os objetos diretos potenciais (como no caso de verbos cujo morfema lexical o seja também de seu objeto direto, sendo-o morficamente, ou no caso de verbo e objeto pertencentes a uma mesma família ideológica), ou mesmo, num segundo patamar de análise, podem provir de má elaboração dos enunciados dicionarísticos de definição, as metalinguagens. É este último o caso de expressões do tipo: *Diz-se do...*, *Ato de... É o...* etc. Pela lei sinonímica, infere-se, basicamente, que *um verbo deva ser definido com um verbo*, não com um substantivo; *um adjetivo com um adjetivo* (num liame necessário, pois, mais uma vez, entre a gramaticografia e a lexicografia), cada classe gramatical (campo da gramática) exatamente por um sinônimo de primeira instância significativa (mas também de segunda, sempre que necessário) da MESMA classe gramatical. Dessa forma, sobretudo após a revolução wittgensteiniana, os virtuemas devem ser *retirados* da feitura de dicionários, e, para tal, devem *os dicionaristas recorrer à gramática e aos jogos de linguagem* para elaborar o significado de algum lexema.

Aqui, pode-se recorrer aos parágrafos 371 e 373 das *Investigações*, em que Wittgenstein afirma: “371. A essência está na Gra-

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA
Múltiplas interconexões semiológicas

mática. [...] 373. É a Gramática que nos diz que espécie de objeto uma coisa é”. (WITTGENSTEIN, 1999)

Voltando àquela falha apontada em Johnson, em outros dois dicionários da língua portuguesa, bem mais recentes, veem-se as seguintes definições (ostensivas) para o lexema *silogismo*:

É a argumentação formada de três proposições, estando a conclusão contida numa das duas primeiras [...] (*Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, Laudelino Freyre)

Dedução formal em que, postas duas proposições, as *premissas*, delas se tira uma terceira, a *conclusão* (*Dicionário Aurélio*) (*apud* CAETANO, 2010b)

Na primeira definição, a parte “*É a...*” é um virtuemã, pois não poderia ser aposto, sobreposto numa frase (jogo de linguagem, ato) em que a palavra “silogismo” aparecesse. Assim, por exemplo: “Pedro procedeu a um belo *silogismo* / Pedro procedeu a um belo *é a argumentação formada de três proposições...*”? Não seria possível.

Já na definição do Dicionário Aurélio, pela definição com um substantivo para outro substantivo, sem virtuemãs, a lei sinonímica de superposição será alcançada: “Pedro procedeu a um belo *silogismo* / Pedro procedeu a uma bela *dedução formal* em que, postas duas proposições, as *premissas*, delas se tira uma terceira, a *conclusão*”.

Por fim, quanto à questão da divisão básica que fazem os dicionários, há dois tipos básicos de dicionário, ambos utilizando, *grosso modo*, aquelas duas metalinguagens de que falamos: 1) os *semasiológicos*, que partem do signo em direção aos significados e 2) os *onomasiológicos*, que, ao invés daquilo, partem do significado em direção aos signos.

Ainda quanto aos questionamentos da linguagem apontados por Wittgenstein, um bom exemplo da questão do treinamento e do uso (que se relaciona à de competência e desempenho, como explicitou Coseriu) está no elemento propulsor da formação de palavras.

A palavra composta é, com muito mais frequência do que as derivações, advinda da expressividade popular, que encontra, nessa modalidade de formação, terreno geralmente benfazejo. Isso é bastante compreensível, na medida em que a palavra composta, bem ou

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA **Múltiplas interconexões semiológicas**

mal, é a união de dois lexemas já devidamente consubstanciados em vocábulos que, no seio do povo, poderão, até, ter adquirido sentidos variados, em função de usos diversos.

Em trabalho baseado na primogenitura de Louis Guilbert sobre os neologismos em língua francesa (cujas obras principais – *La formation du vocabulaire de l'aviation*; *Le vocabulaire de l'aéronautique* e *La créativité lexicale* – têm, com efeito, sido propulsoras de muitos trabalhos de neologismo em português), Ieda Maria Alves (1990, p. 69-70), baseada em *corpus* jornalístico, assim versa sobre o fenômeno (ou mecanismo) de *palavra-valise*, exemplificando-o com trechos atualíssimos, porquanto, como dissemos, recolhidos da imprensa escrita e da linguagem publicitária dos últimos anos:

Por meio do processo denominado palavra-valise, em que também se manifesta um tipo de redução, duas bases são privadas de parte de seus elementos para constituírem um novo item léxico: uma perde sua parte final, e outra sua parte inicial. [...]

(1) os 'brasiguaios' [brasileiros + paraguaios; sublinhamos], como são chamados os brasileiros que retornaram do Paraguai atraídos pela reforma agrária (E, 12-04-86: 2, c. 2). [...]

(2) "Descobri que mexer com música faz um bem danado", define a atriz, que interpreta Cazuza, Chico Buarque, Marina e também C. Gardel e C. Miranda. No show, ela não esquece os números de plateia. "Ainda sou uma atriz", justifica a versátil e bela "cantriz" [cantora + atriz; sublinhamos] (IE, 02-03-88: 60, c. 1). [...]

(3) A. Moreira Lima encarna uma espécie de mito brasileiro (atualíssimo, aliás, neste período de *Novelha* [nova + velha; sublinhamos] *República*) [...] (F, 24-04-85: 53, c. 1). [...]

(4) [...] quando serão distribuídas milhares de flores para a população e 'showmícios'[show + comícios; sublinhamos] em regiões carentes como a Baixada Fluminense e a zona oeste da capital (F, 02-11-86: 14, c. 4).

Formam-se palavras, muitas vezes – na verdade, na maioria delas –, exatamente por necessidades impostas pelo conhecimento, internalizado (a competência), do conceito de uso, ou da necessidade de seu conhecimento, que, assim, se coloca em prática a todo o instante, nos jogos de linguagem. Tanto a gramática quanto o dicionário têm preocupações com essa parte da linguística: a formação de pala-

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA **Múltiplas interconexões semiológicas**

vras (Morfologia: estrutura e formação de palavras, em gramática; e nova dicção, no dicionário).

A própria questão de palavras que mudam de classe ao se lhes aporem *suffixos* (ex.: leal-adjetivo / lealdade-substantivo; fiel-adjetivo / fidelizar-verbo) é fator intrínseco à ideia de internalização do conceito de *uso* por parte do usuário, e igualmente interessa à gramática (Morfologia: estrutura e formação de palavras e classes gramaticais) e ao dicionário (novas dicções): sufixos novos que vão sendo adicionados a um morfema lexical vão dando-lhe especializações morfossemânticas e morfossintáticas dentro do campo de atuação do *uso* e do *ato*. Daí serem funções básicas dos sufixos no jogo da linguagem a atualização morfológica, semântica e sintática. Por seu turno (para se permanecer nos afixos), vê-se que a função precípua do *prefixo* é *semântica* (não é raro que muitos autores o concebiam como caso de composição), de especializar o sentido do morfema lexical a que se antepôs, sendo, em geral, motivado, e, raramente, uma palavra muda de função morfológica (classe gramatical) ou sintática ao se lhe apor um prefixo (ex.: guerra-substantivo / *pós*-guerra-substantivo).

Repare-se como o conceito de lexema (ou dicção) se liga, assim, intimamente, ao de formação de palavras: ao ter-se sentido a necessidade de reformular classificatória, semântica ou categorialmente uma palavra, isso foi feito, num primeiro nível, quanto à entidade abstrata – o lexema –, partindo, dessa virtualidade (porém presenças à concretização), à atualização morfossintática. Portanto, a necessidade de reformulações lexemáticas (aumento do léxico) parte de necessidades, intuitivas que sejam, antes morfossintáticas, e o próprio ajuste devido daquelas entidades previamente abstratas, uma vez já prontas, depois de estarem estas concretizadas (vocábulos), enfim, se dará, também, por necessidades morfossintáticas, talvez não tão internalizadas em todas as pessoas (daí a necessidade do ensino da gramática), quais sejam as necessidades de atualização semântica (aquisição de sentidos), flexional (categorial), classificatória (sintática).

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA

Múltiplas interconexões semiológicas

4. Conclusão

Chegou-se à seguinte conclusão: a teoria clássica de representação ou nomeação da linguagem foi enriquecida, antes de tudo, pela escrita, e a conseqüente preocupação com o estilo, o que se timbrava, pouco a pouco, nas gramáticas e nos dicionários, que precisaram reformular suas concepções sobre significado. Em seguida, com a revolução instaurada por Wittgenstein sobre a língua e a linguagem, novas técnicas de definição e ensino precisaram ser inseridas às metalinguagens gramaticográficas e lexicográficas.

Concluiu-se, também, por uma complementaridade necessária de regulações entre o dicionário e a gramática, que se dá de forma mútua e que, para além disso, está em constante movimento, porque está na (e é forma de) *vida*, que se consubstancia e atualiza (*atos*) no *uso*.

Assim, por exemplo, o lexema é consequência ulterior do uso, que está em jogo e deve estar previsto na gramática: em primeiro lugar, uma palavra “nasce” no meio dos usuários, sem que estes se deem conta necessariamente dos mecanismos usados para aquela espécie de atualização (competência e desempenho unidos, a gramática como essência inclusive do dicionário).

Isto é, a formação de um futuro novo lexema parte da noção abstrata provinda exatamente de outro lexema já existente; algo como a “captação da *essência* de um vocábulo” (em outras palavras, o seu *lexema*), que está, este sim, em pleno uso. Desse passo, o falante, antes de dar o cunho abstrato àquela nova *entrada*, põe em uso o novo *vocábulo* – isto é, concreto –, de que sentira necessidade, com tantas quantas sejam as flexões a ele pertinentes (ou sem elas, num vocábulo invariável). Só então um dicionário se dará conta de que há, surgida e efetivada, aquela nova entidade abstrata, pela qual passa, a partir de então, a ser responsável, dando-lhe a chancela da consagração da *langue* – o lexema, por fim, veio a lume.

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA
Múltiplas interconexões semiológicas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo – Criação Lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- ARISTÓTELES. *De interpretatione*. 16a3
<http://www.ifcs.ufrj.br/~fsantoro/ousia/traducao_deinterpretatione.htm>
- ARNAULT & LANCELOT. *Grammaire générale et raisonnée*. Re-publications Paulet, 1969.
- AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: UNICAMP, s/d.
- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. New York: Oxford University Press, 1965.
- BAHKTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BALLY, Charles. *L'arbitraire du signe. Valeur et signification*. Paris: Albin Michel, 1940.
- _____. *Le langage e la vie*. Paris: PUF, 1913.
- _____. *Traité de stylistique française*. Paris: PUF, 1909.
- BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BENVENISTE, Émile. Da natureza dos pronomes. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: UNICAMP, 1998a.
- _____. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: UNICAMP, 1998b.
- BLOOMFIELD, Leonard. A set of postulates. In: *Language*. Delhi: Motilal Banarsidas Publishers Private, 2005.
- BRANDÃO, J. S. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRÉAL, Michel. *Essai de sémantique. Science des significations*, Paris, 1897.

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA
Múltiplas interconexões semiológicas

CAETANO, Marcelo Moraes. *Água pura*. São Paulo-Lisboa: Paco, 2010a.

_____. *Análise histórica e estilística das funções da linguagem sob corpora da literatura*: com aprofundamento na análise estrutural-gramatical-semântica de João Cabral de Melo Neto. Rio de Janeiro. Academia Brasileira de Filologia, 2008.

_____. *Caminhos do texto. Produção e interpretação textual*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Ferreira, 2010b.

_____. *Gramática reflexiva da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ferreira, 2010c.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

CARROLL, John B. *Language, Thought and reality – selected writings of Benjamin Lee Whorf*. Massachusetts: The MIT press, 1998.

CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no país das maravilhas – A través do espelho e o que Alice encontrou lá*. 3. ed. Trad. Sebastião Uchôa Leite e Haroldo de Campos. São Paulo: Summus, 1980.

CARVALHO, Herculano de. *Teoria da linguagem*. Coimbra: Atlântida, 1974.

CASSIRER, Ernst, *Wesen und Wirkung des Symbolbegriffs*, Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1983.

CHOMSKY, Noam. *Estruturas sintáticas*. Lisboa: Edições 70, 1957.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia y historia*. 4. ed. Madrid: Gredos: 1988.

COSTA, Lúcia Militz da. *A poética de Aristóteles. Mimese e verosimilhança*. São Paulo: Ática, 1992.

DARMESTER, A. *La vie des mots*. Paris, 1886.

DASCAL, Marcelo. *Fundamentos metodológicos da linguística*. Vol. I. M. Dascal, L. Bloomfield, N. Chomsky, G. Lakoff, M. Halliday. São Paulo: Global, 1978.

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA
Múltiplas interconexões semiológicas

- DELEUZE, Gilles. *L'Île deserte et autres textes: textes et entretiens 1953-1974*. Paris: Minuit, 2002.
- DU BOIS, Jean. Competing Motivations. In: J. HAIMAN (Ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.
- FAUSTINO, Sílvia. *Wittgenstein – o EU e sua gramática*. São Paulo: Ática, 1995.
- FREGE Gottlob. *Estudios sobre Semántica*. Barcelona: Ariel, 1973.
- GARCIA, Afrânio. A semântica histórica de Ullmann. *Revista Philologus*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/2/11.htm>>.
- GERALDI, João Wanderley & ILARI, Rodolfo. *Semântica*. São Paulo: Ática, 1987.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Faust, ein Fragment*. Berlin, 1790.
- GUIRAUD, Pierre. *A semântica*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.
- GRICE, H. Paul. *Studies in the Way of Words*. Harvard: Harvard University Press, 1989.
- HEGEL. *Phänomenologie des Geistes*. Berlin: Guttenberg Spiegel, 1806.
- HOLQUIST, Michel. What is a Boojum? Nonsense and modernism. In: *Alice in wonderland*. London. Norton critical edition, 1952.
- HUSSERL, Edmund. *Philosophie der Arithmetik. Logische und Psychologische Unter-suchungen*. The Hague: Nijhoff, 1978.
- IMBS, Paul. *Semiotische Prozesse und natürliche Sprache*. Paris: Editions du Centre national de la Recherche Scientifique, 1975.
- JAKOBSON, Roman. *Essais de linguistique Générale*. Paris: Minuit, 1963.
- JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA
Múltiplas interconexões semiológicas

- KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 127-148.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à semântica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MARTINET, André. *Eléments de linguistique générale*. Paris: Seuil, 1960.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1997.
- MACADAM, Jr. & MILNE, George. *Johnson's dictionary: a modern selection*. Cambridge: Cambridge University Press, 1963.
- MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- NIETZSCHE. *Die Geburt der Tragödie – Aus dem Geist des Musik*. Cambridge: Cambridge literary (german edition), 2008.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente. A língua como objeto da linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística: I. Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.
- PITCHER, George. Wittgenstein, nonsense and Lewis Carroll. In: _____. *Alice in wonderland*. London: Norton Critical Edition, 1952
- PRETTI, Dino. *A sociolinguística: os níveis da fala*. São Paulo: Edusp, 2007.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *Filósofos na tormenta. Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- SANTO AGOSTINHO, *Confissões*. Porto: Apostolado da Imprensa, 1996.
- SARTRE, Jean Paul. *L'être et le néant*. Paris: Gallimard, 1943.

INSTÂNCIAS DO SENTIDO – O DICIONÁRIO E A GRAMÁTICA
Múltiplas interconexões semiológicas

SEARLE, J. R. *Speech Acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SEWELL, Elizabeth. The balance of brillig. In: _____. *Alice in wonderland*. London: Norton critical edition, 1952.

SEYMOUR-SMITH, Martin. *Os 100 livros que mais influenciaram a humanidade. A história do pensamento dos tempos antigos à atualidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

SPITZER, L. *Essays in Historical Semantics*. New York: S. F. Vanni, 1948.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

TODOROV, Tzvetan. *Estruturalismo e poética*, 2. ed. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971.

ULLMAN, S. *Semântica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

VENDRYÈS, J. *Le langage. Introduction linguistique à l'histoire*. Paris: Albin Michel, 1950.

VERLANGIERI, Iná V. R. J. *Guimarães Rosa – correspondência inédita com a tradutora norte-americana Harriet de Onís*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista – Campus de Araquara, 1993.

VOSSLER, Karl. *Gesammelte Aufsätze zur Sprachphilosophie*. Berlin, 1963.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophische Bemerkungen*. Frankfurt: Suhrkamp, 1984a.

_____. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. *Philosophische Grammatik*. Frankfurt: Suhrkamp, 1984b.

_____. *Zettel*. Frankfurt: Suhrkamp, 1984c.